



**Universidade de Brasília - UnB**

**Instituto de História – IH**

**Departamento de Geografia – GEA**

# **A Universidade de Brasília e a Construção do Lugar: O caso do Centro Acadêmico da Geografia**

**João Bosco Pereira Feitosa**

**Orientadora: Glória Maria Vargas López de Mesa**



**Universidade de Brasília - UnB**

**Instituto de História – IH**

**Departamento de Geografia – GEA**

## **A Universidade de Brasília e a Construção do Lugar: O caso do Centro Acadêmico da Geografia**

**João Bosco Pereira Feitosa**

**Orientadora: Glória Maria Vargas López de Mesa**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em Geografia, sob a orientação da professora doutora Glória Maria Vargas López de Mesa.

**Brasília, dezembro de 2015**  
**Universidade de Brasília - UnB**  
**Instituto de História – IH**  
**Departamento de Geografia – GEA**

**João Bosco Pereira Feitosa**

**A Universidade de Brasília e a Construção do Lugar: O caso do  
Centro Acadêmico da Geografia**

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção do grau referente à Bacharel e Licenciatura no curso de graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas (IH), da Universidade de Brasília (UnB), pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dra. Glória M. V. L. de Mesa (Orientadora) GEA – UnB

---

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho GEA - UnB

---

Prof. Dra. Marília Luiza Peluso GEA – UnB

Departamento de Geografia da Universidade de Brasília

Brasília – DF

2015

À Deus por ter me mostrado minha verdadeira paixão, aos meus pais José e Emília que sempre incentivaram a educação acima de tudo, aos meus amigos que toleraram minha incessante fala sobre esse trabalho, e a todos que compõem Universidade de Brasília, os quais me auxiliaram na difícil e mais prazerosa jornada de ser o melhor Geógrafo possível.

## **AGRADECIMENTOS**

A Professora Dra. Glória Maria Vargas López de Mesa, que foi como uma bússola fiel ao seu propósito, impedindo que eu me desviasse do caminho da pesquisa e sempre tão solícitamente me mostrou o melhor do meu potencial, desde o terceiro semestre até o fim da minha graduação.

Aos meus professores e educadores pois sem eles não poderia ter chegado até a posição em que estou hoje, dos projetos de extensão, dos simpósios, das aulas e dos textos, que provocaram a catarse necessária para que os meus sentidos se alinhassem com a ótica geográfica.

Aos meus amigos e companheiros de curso, sem os quais não poderia ter atravessado os cinco anos de graduação. Seu suporte nas horas mais escuras e a sua companhia nas horas de glória foram fundamentais para que o desejo de chegar ao fim dessa jornada não acabasse, espero viver à altura da nossa amizade.

Agradeço a minha família por me servir de firme fundamento para levar adiante a árdua rotina acadêmica de um estudante de uma Universidade Federal. Sem sua presença durante as longas greves e sem seu abraço nas reprovações, esse momento de vitória não seria tão doce.

Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.  
Filipenses 3:13

## RESUMO

A Geografia tem, ao longo do tempo, desenvolvido suas capacidades de observar a realidade e propor, com um olhar voltado ao espaço, ideias, problemas e soluções para o homem e a sua relação com os objetos e com o ambiente. Esse olhar foi voltado para o Centro Acadêmico da Geografia a fim de saber quais ideias e vivências os estudantes do curso de Geografia possuem dos múltiplos aspectos do lugar, quais problemas existem na percepção de *Insideness* e *Outsideness* e como propor alternativas para uma experiência mais completa da Universidade através do lugar.

Palavras-Chave: Insideness, Outsideness, Lugar, Percepção, Fenomenologia.

## **ABSTRACT**

Geography has developed, over time, its ability to observe reality and propose, with an eye towards space, ideas, problems and solutions to how man has established its relationship with the objects and the environment surrounding him. The Academic Geography Center became the prime place of this research in order to know which ideas Geography students had over the multiple aspects of place, what problems exist in the perception of *Insideness* and *Outsideness*, and how to propose solutions for a more complete experience of the University through our experience of place.

Keywords: Insideness, Outsideness, Place, Perception, Phenomenology.

## ÍNDICE

<b>1. Introdução.....</b>	<b>10</b>
1.1 Questões de Pesquisa.....	11
1.2 Objetivo geral do trabalho.....	11
1.2.1 Objetivos específicos .....	11
1.3 Hipóteses.....	11
1.4 Aspectos Metodológicos.....	11
1.5 Conceitos Fundamentais.....	12
1.5.1 Lugar.....	12
1.5.2 Geograficidade.....	13
<b>2. História da Universidade de Brasília.....</b>	<b>15</b>
2.1 O Início da Universidade Brasileira.....	15
2.2 Um novo Modelo de Universidade .....	17
2.3 A Era Militar.....	19
2.4 UnB Redemocratizada.....	22
2.5 UnB de Hoje em Dia.....	24
<b>3. Contextualização da Temática do Lugar na Geografia.....</b>	<b>28</b>
3.1 Determinismo Ambiental.....	28
3.2 Possibilismo geográfico.....	32
3.3 Nova Geografia (Teorética-Quantitativa) .....	33
3.4 Geografia Crítica ou Geografia Marxista.....	36
3.5 Geografia Humanística e Cultural.....	40
3.5.1 O Lugar na Geografia.....	44
3.5.1.1 O Lugar como Construção Social.....	44
3.5.1.2 O Lugar como Mundo Vivido e Subjetividade.....	47
<b>4. O Centro Acadêmico como Experiência do Lugar.....</b>	<b>52</b>
4.1 O começo dos Centros Acadêmicos.....	52
4.2 Multiplicidade dos Aspectos do Lugar.....	52
4.3 <i>Insideness e Outsideness</i> .....	55
4.4 Procedimento Metodológico .....	57
4.5 Desenho da Pesquisa de Campo.....	58
4.6 Questionários.....	59
<b>5. Análises, Resultados e Discussões.....</b>	<b>62</b>
5.1 Informações Pessoais.....	62
5.2 Sobre os Aspectos do Lugar.....	65
5.3 Sobre <i>Outsideness e Insideness</i> .....	71
<b>6. Considerações Finais.....</b>	<b>81</b>

**7. Referências Bibliográficas.....83**

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1 – Cotas na UnB.....	26
Imagem 2 – Questão 1.....	62
Imagem 3 – Questão 6:Já é formado?.....	64
Imagem 4– Com que frequência semanal você vai ao centro acadêmico?.....	65
Imagem 5 -Qual a Probabilidade de você se reunir no seu centro acadêmico.....	66
Imagem 6 - Você gosta de ir ao seu centro acadêmico?.....	67
Imagem 7 –Frequência em Outros Centros Acadêmicos.....	68
Imagem 8 - Você se sente parte do CA?.....	72
Imagem 9 - Opinião Estética do C.A.....	73
Imagem 10 –Você se sente confortável no CA?.....	74
Imagem 11 - Conhecimento do Espaço Interno.....	75
Imagem 12 –Ações Promovidas pelo C.A.....	78

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Relação Idade e Sexo.....	63
Tabela 1.Ano de Ingresso na UnB.....	63
Tabela 3. Relação entre gosto e frequência no CA.....	68
Tabela 4. Relação entre gosto e frequência no CA com o fator de gênero.....	69
Tabela 5. Atividades que melhor seriam desenvolvidas no CA.....	70
Tabela 2. Se sente confortável no CA, adicionado o fator de gênero.....	74
Tabela 3. O que Provoca o conforto ou o desconforto, adicionado o fator de gênero.....	76

## 1. INTRODUÇÃO.

Desde os povos antigos, nós como raça humana cultivamos o interesse pela aprendizagem. Os gregos, juntamente com os romanos foram os grandes responsáveis pela educação como nós temos hoje no ocidente. Era comum se reunir nos espaços da pólis, nas ágoras e nos jardins, os mestres e seus estudantes, para discutir ciência, política e a vida em sociedade, eles deixaram para nós essa herança de uma cultura acadêmica, de questionamento e de aprendizagem.

Essa ideia prosperou, os países europeus em seu curso histórico estabeleceram entre os séculos XI e XV o que nos conhecemos hoje como as Universidades. Centros do pensamento e cultura medieval, esses estabelecimentos ficaram responsáveis em criar o conhecimento científico e elaborar as ideias e filosofias que naquela época eram restritas aos homens do clero e monges da igreja, pois está acumulava funções políticas, sociais, religiosas e científicas.

Para o Brasil, o ensino superior só toma forma com a saída da família real de Portugal e seu estabelecimento no Brasil. D. João VI estabelece na nova colônia portuguesa o ensino superior com a abertura em 1808 da Faculdade de Medicina da Bahia que reunia e evoluía os cursos de anatomia, cirurgia e medicina; as Faculdades de Direito de São Paulo e Recife em 1845 resultam dos cursos jurídicos. Logo esse passar do tempo, desde a época do império, passando pela antiga república, sofrendo com o problema da Ditadura, e após no período de reestruturação da democracia as universidades brasileiras tem exibido papel de centros do conhecimento e do debate.

Em 15 de dezembro de 1961 foi sancionada a lei 3.998 que autorizava a criação da Universidade de Brasília. Darcy Ribeiro, juntamente com outros grandes mestres do saber como Anísio Teixeira e da arquitetura e artes como Oscar Niemeyer e Athos Bulcão trouxeram o projeto para a realidade. Da sua fundação em abril de 1962 até hoje a Universidade de Brasília (UnB) tem servido de grande inspiração da nova forma de gerir as instituições públicas e de sua proposta para o ensino superior universitário no Brasil.

É a partir desse histórico e dos conhecimentos obtidos que essa pesquisa procura nos lugares da universidade essas vivências cotidianas, o que elas

formam e qual resultado disso para a Universidade de Brasília, em particular no Centro Acadêmico do Departamento de Geografia.

### **1.1. Questões de Pesquisa.**

São os CA's vivenciados como lugar na UnB, em particular o CA da Geografia?

### **1.2 Objetivo Geral do Trabalho.**

Analisar como os CA's se constituem em "lugares" de vivência da experiência universitária na UnB.

#### **1.2.1. Objetivos Específicos.**

Caracterizar o processo de apropriação dos CA da Geografia como lugares de vivência.

Verificar, no caso do CAGEA (Centro Acadêmico da Geografia), como se dá a experiência do lugar nesse espaço.

### **1.3 Hipóteses**

No CA' da Geografia se desenvolve a experiência de lugar na UnB.

### **1.4 Aspectos Metodológicos.**

A metodologia consiste em primeiramente fazer uma busca bibliográfica através de autores que problematizem a questão do espaço e do lugar, explanando e exemplificando seus conceitos para que fique claro como esse trabalho usa e aplica a parte teórica no recorte específico que se propõe estudar. O Plano Orientador da Universidade de Brasília e alguns outros livros de autoria de Darcy Ribeiro, ajudam a esclarecer o contexto da universidade e suas singularidades para que haja direcionamento do raciocínio para que não se perca e mantenha-se fiel a proposta.

Conduzir entrevistas com os estudantes e com os representantes das instituições presentes na universidade que se relacionam com esses estudantes, tais como os Centros Acadêmicos, o Decanato de Assuntos Comunitários, Diretório Central

dos Estudantes, etc. afim de obter dados de gestão que direcionam a forma que essas instancias tem lidado com os problemas da universidade e os estudantes dela.

## 1.5 Conceitos Fundamentais.

### 1.5.1 Lugar.

Para que seja possível avançar nessa pesquisa é primeiro necessário esclarecer e contextualizar alguns conceitos que no meio geográfico são bem conhecidos. Gostaria de destacar primeiramente o papel fundamental que, o lugar, como categoria de análise, pode nos oferecer em explicações dos fenômenos aqui apresentados. O Lugar é, segundo Carlos (2007), “*a porção do espaço apropriável para a vida.*”. Temos uma diferenciação em como lidamos com a Universidade de Brasília, que agora deixa de ser apenas uma instituição de ensino, ela passa ser o espaço da nossa vivencia e convivência, um lugar. A autora continua dizendo:

“(...) o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido”

Temos outros componentes sendo adicionados, o lugar é caracterizado pelos nossos usos, onde é feita essas relações que sustentam a vida. Os Centros Acadêmicos e seu papel de convívio entre os estudantes, o Restaurante Universitário onde são compartilhadas as refeições, a Biblioteca Central para pegar livros e estudar, entre tantos outros lugares que a UnB tem disponibilizado para os estudantes construírem suas relações.

A singularidade advém também especialmente por “*encarnar as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.*” (TUAN, 1979: 387). Nesse escopo o lugar é categoria geográfica que necessita de uma visão das

pessoas para que os significados fiquem evidentes, é preciso pesquisar nas relações construídas dos estudantes na universidade para poder entender o lugar e os significados dele.

### **1.5.2 Geograficidade.**

Como expressa Roberto da Matta (1997), em *A casa e a rua*, “*O espaço é como o ar que se respira*” (1997, p. 29). Essa fala traduz uma realidade humana concreta, sem o espaço não se é possível viver, assim como, se ar não é possível viver. É no espaço que o homem se faz um ser e constrói nele relações entre homem-meio e homem-homem. O caso do *homo-sapiens*, é ainda mais impressionante pois o espaço não é apenas algo concreto, ele pode assumir outras dimensões, por exemplo, a dimensão simbólica. É essa uma das principais diferenças cognitivas do ser humano, ele é capaz de conferir aos signos da realidade um valor, um valor simbólico. A relação própria com o espaço que cada indivíduo constrói, concreta ou simbólica, é chamada de geograficidade (Relph, 1979).

Para a fenomenologia essa geograficidade começa quando o homem estabelece uma relação Ser no Mundo, uma essência da nossa existência que é existir em situação. Somos seres em situação, isso significa que estamos a todo o momento desvendando e constituindo o mundo, a partir da nossa individualidade de ser, mesmo que não percebamos isso diretamente, assim como, na maioria das vezes não estamos conscientes da nossa própria respiração, fazemos isso como algo automático, essencial, vital. A geograficidade se apresenta como um modo da existência humana que advém dessa relação entre homem e a Terra.

O conhecimento geográfico dos seres-no-mundo teria como objeto, mostrar ao homem sua condição humana e seu destino. E o resultado dessa revelação, como relação existencial, seria a “*geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino*” (DARDEL, 2011, p. 1-2).

Essa geograficidade pode ser percebida em como os homens experimentam os lugares, e através das marcas que essas relações deixam nos lugares ao longo do tempo.

Se o geógrafo estuda os espaços, lugares e ambientes nos quais a pessoa tipicamente vive e habita – seu espaço-vivido como a ele se referem algumas vezes os fenomenologistas – ele precisa reconhecer que esse espaço é antes de tudo fundamentado no corpo, a pessoa se localiza em relação aos objetos, lugares e ambientes familiares que, em suma, constituem o seu mundo geográfico cotidiano. (SEAMON, 1980, p. 161)

Existe aí uma implicação para a compreensão de que é através das nossas necessidades existenciais, da nossa corporeidade, do nosso estar-no-mundo, que a geograficidade vai se tornando uma categoria da existência, os resultados das experiências constroem nossa relação com o lugar, seja ela boa ou ruim.

## 2. HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

### 2.1 O Início da Universidade Brasileira.

O histórico da universidade brasileira é relativamente recente em comparação com outros países da América. Sob domínio espanhol, as universidades tiveram presença desde cedo, com seis instituições universitárias já no fim do século da conquista e dezenove quando cessa o período da independência. A zona inglesa do território não teve um despontamento acadêmico tão forte quanto a América espanhola, mas, nos anos da sua independência possuía nove universidades já estabelecidas. Nessas duas zonas de influência as universidades eram instituições estabelecidas sob um domínio religioso ou real, e na zona anglo-saxã por seitas protestantes. Nesse mesmo período colonial o Brasil não possuía escolas superiores, a educação da colônia portuguesa era ministrada basicamente em cursos teológicos para o sacerdócio e estudos de medicina e direito que só podiam ser terminados em Portugal. Somente com a vinda da família real em 1808 para o Brasil, é que o ensino superior brasileiro começa a acontecer. As primeiras instituições de ensino são a Faculdade de Medicina da Bahia e as Faculdades de Direito de Recife e São Paulo. No período da independência quando foi proclamada a república em 1889, foram adicionadas a esse quadro apenas mais duas instituições de ensino superior, mais uma faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e uma escola politécnica nessa mesma cidade, somando um total de 2.300<sup>1</sup> alunos matriculados. Essa mesquinhez do colonialismo Português ainda ressurte muito o Brasil, pois o progresso foi lento e atrasado em comparação com as nações circunvizinhas ao longo das décadas o número de instituições foi crescendo e em 1950 o país já contava com cerca de 600 cursos e 15 universidades, embora a matrícula total não passasse de 37.548 estudantes em todo território nacional e o menor contingente proporcional da parcela da população entre 19 e 22 anos matriculada nas escolas de nível superior. Ao longo do tempo as universidades Brasileiras apresentaram crescimento do seu contingente de estudantes, mas essa alta de matrícula continua proporcionalmente baixa em relação ao total populacional.

---

<sup>1</sup> Os dados estatísticos e históricos referentes ao ensino superior no Brasil podem ser encontrados na bibliografia sob os trabalhos de Sergio Buarque de Holanda e H.R.W. Benjamín.

Esse sistema precário do sistema educacional pode ser atribuído a falta de competência que de nossa sociedade em acompanhar o desenvolvimento do mundo moderno, e as universidades acompanharam esse pobre desenvolvimento. Não se pode ignorar que são as universidades a formar os jovens dirigentes e técnicos para a sociedade que ou irão amargurar no atraso e nos problemas do subdesenvolvimento ou irão agir como agentes da transformação dos seus povos. O modelo inspirador da universidade brasileira também foi um problema já que era estrangeiro. O modelo francês napoleônico de formação universitária onde não havia propriamente dita uma universidade e sim um conglomerado de escolas autárquicas, mas enquanto o sistema francês engendrava em suas universidades uma centralidade política de uma instituição monopolizante e centralizadora, a universidade brasileira como um todo, implementou algo que exagerava em sua visão positivista, erradicando a herança teológica do ensino superior e estabelecendo novas instituições jurídicas reguladoras do regime capitalista.

Essa matriz francesa de universidade, no Brasil, ficou reduzida a ensinar os filhos dos fazendeiros, dos comerciantes, preparando essa seleta parcela da população para o exercício das atividades mais elevadas do sistema social brasileiro, cargos político-burocráticos, cooperando para regular e manter uma ordem social onde era a classe rica dominante quem exerceria essas profissões prestigiadas e liberais. O conhecimento universitário servia para cada vez mais fundamentar uma proposta elitista da sociedade possuindo características clientelísticas. O estudante é um cliente dessa classe profissional da sociedade e é preparado para atender as necessidades dessa mesma classe. Fica uma universidade conformada, o ensino superior brasileiro não buscava ativamente em mudar a realidade, voltar a atenção as pequenas conquistas geradas são importantes para continuar progredindo, mas centralizar-se diante delas nos faz perder essa consciência dessa responsabilidade, em como essa universidade brasileira deveria se preocupar em modificar a sua sociedade e seu espaço, ao invés de corroborar com os sistemas latifundiários e patriarcais que o Brasil desde sua colônia e vem refletindo no nosso sistema acadêmico desde. Uma mudança nesses paradigmas é obrigatória para alavancar um sistema universitário que seja brasileiro em sua essência e atenda as necessidades que o país precisa como um todo não somente a suas classes dominantes, mas, que resolva essa herança histórica para que cesse a reprodução desses sistemas estrangeiros e crie uma universidade preparada para lidar com as

dinâmicas da população brasileira em toda a sua escala. É então que a Universidade de Brasília começa a ser pensada, com esse histórico latino-americano, brasileiro na formação dos seus pensadores e como ela foi radicalmente pensada para ser diferente das outras universidades que já estavam em atividade no país.

## **2.2 Um Novo Modelo de Universidade.**

Em 21 de Abril de 1960, torna-se realidade um arrojado projeto político-econômico-social, é fundada Brasília, capital federal. A nova cidade que nasce do sonho de muitos como Juscelino Kubitschek e projetada a partir da moderna visão de Lucio Costa, urbanista, e Oscar Niemayer como arquiteto. Chamada de Capital da Esperança, Brasília prometia cumprir metas de ser uma cidade modelo para as outras capitais brasileiras, de proteger o centro político nacional e de repovoar o interior do país.

Brasília, se dependesse de seus idealizadores não seria apenas sede do poder federal. Na mente desses homens havia um potencial novo e promissor que essa cidade poderia e deveria alcançar. Nas palavras de Lucio Costa está traduzido as aspirações daquela geração. Ele dizia: "*Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país*". (Plano Orientador da UNB, 1962). Com esse desejo é estabelecida em 21 de abril de 1962, a Universidade de Brasília.

Foi a Lei N. 3.998 de 15 de dezembro de 1961, sancionada pelo presidente João Goulart que estabelece a criação da Fundação Universidade de Brasília e são nesses parágrafos que um novo modelo de universidade é proposto para a nova capital federal. O antropólogo, idealizador, fundador e primeiro reitor Darcy Ribeiro sonhava com uma instituição que rompesse com o estilo francês e americano das tradicionais universidades brasileiras criadas na década de 1930.

O projeto da Universidade de Brasília idealizada por Darcy Ribeiro e outros grandes intelectuais da época como Anísio Teixeira, São Maurício da Rocha e Silva, Walter Oswaldo Cruz, Frei Mateus Rocha que desempenhou importante papel no estabelecimento da nova universidade, já que foi ele quem intercedeu junto ao Papa João XXIII para que a nova universidade não fosse católica jesuítica, como alguns

que convenceram o presidente Juscelino gostariam de implementar, mas, graças ao frei, uma universidade pública, no qual ele iria se tornar vice-reitor e futuramente o reitor da mesma.

Darcy Ribeiro e o grupo de intelectuais brasileiros que partilhava de suas ideias lutavam para que essa nova universidade fugisse da tão problemática herança universitária que fustigava as instituições de ensino superior do país, que se mantinham em torres de marfim e seus intelectuais tradicionais que eram deslocados de seu tempo e espaço. Eles assumiram um compromisso com “*o destino de mais de quarenta milhões de brasileiros analfabetos e miseráveis*” (RIBEIRO. 1991, p. 272.). E planejaram construir uma universidade emancipada e efetivamente livre, livre para pensar o Brasil de dentro, a partir das nossas perspectivas e não adotando um sistema estrangeiro e desatualizado como as outras fizeram e acabaram nascendo velhas e em crise, onde apenas houve uma aglutinação de escolas superiores e faculdades, obedecendo moldes e objetivos estrangeiros que pouco tinham a ver com a realidade do país, que se comportavam de maneira isolada e aristocrática. Esse papel meramente de formação decorativa das elites sociais e culturais brasileiras, como faziam as universidades europeias que serviram de molde para as faculdades implementadas na época do império, não encontraria seu lugar na nova universidade que Darcy Ribeiro elaborou.

Fevereiro de 1962 a universidade realiza seu primeiro vestibular, e apesar do campus não estar finalizado, as inscrições ocorreram na sede do Ministério da Saúde e os 413 aprovados<sup>2</sup> para graduação e pós-graduação desse primeiro vestibular se matricularam em três cursos-tronco do qual seriam derivados os outros cursos, eram estes: Direito-Administração-Economia, Letras Brasileiras, que eram ministradas no nono andar do ministério da saúde e o terceiro curso-tronco, Arquitetura e Urbanismo onde os alunos tinham aulas no campus da universidade em construção, para que houvesse uma junção de teoria e prática.

Darcy Ribeiro se preocupou em estabelecer uma universidade que representasse um avanço do país em matéria de universidade que reconhece os erros e busca soluções para superar esses problemas, respeitando uma visão eminentemente brasileira desses problemas educacionais. O reitor estabelece uma síntese dessa visão que parte de duas propostas fundamentais das quais ele acreditava que a

---

<sup>2</sup>Dados do primeiro vestibular podem ser encontrados na referência do Plano Orientador da Universidade de Brasília.

Universidade de Brasília jamais poderia se distanciar. Sendo a primeira “a lealdade aos valores e padrões internacionais da ciência e da cultura” que estabelece uma recusa de aceitar os padrões intelectuais tradicionais que os títulos universitários nacionais e internacionais que já estavam desprestigiados e em descrédito e o segundo que estimulava “*a lealdade ao povo brasileiro e à sua Nação, expressando assim o compromisso de vincular a Universidade à busca de soluções para os problemas nacionais...*” (de Alencar. 1964, p. 277).

É nesses novos moldes da intelectualidade brasileira guiada por Darcy Ribeiro e outros pensadores que a nova universidade vai se estabelecendo na nova capital com gestão autônoma, de caráter emancipador e ficada na liberdade para toda sociedade brasileira.

### **2.3A Era Militar.**

O grupo militar brasileiro desde o séc. XX era categoria que possuía prestígio entre a classe média brasileira e exercia influência nos rumos da política do país. Nesse contexto os militares voltam de sua pequena participação na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Estados Unidos convictos que o Brasil deveria seguir o rumo do desenvolvimento econômico assim como os Estados Unidos o fez, eles os admiravam e acreditavam que se seguissem o modelo norte americano chegariam ao nível de desenvolvimento demonstrado pela nova potência mundial, o *American Way of Life* obtinha bons resultados, fazendo com que os militares cressem que era bom, natural, ou inevitável que os Estados Unidos exercessem influência. Essa Nova potência entrava na Guerra Fria e que buscou apoio nos países das Américas a fim de buscar apoio para defender o mundo, em uma batalha global, contra a ameaça soviética que se espalhava no oriente tendo o centro na União Soviética, que aderira a ideologia comunista/socialista desenvolvida por pensadores como Karl Marx, Durkheim e outros. Essa batalha aos militares brasileiros era de importante necessidade já que a ameaça vermelha vinha para destruir as bases nos quais a sociedade ocidental era construída, a religião cristã e o regime capitalista, ideário no qual os militares criam ser o único caminho para a sociedade brasileira trilhar.

Nesse contexto a intervenção militar na organização democrática do país enfrentou uma fraca oposição entre seus generais, pois a maioria acreditava que era imprescindível para o desenvolvimento da nação e para manutenção dos órgãos democráticos, que os próprios regimes democráticos ficassem suspensos, pois a

ameaça vermelha devia ser combatida com unidade e veemência, justificado estava então o golpe militar de 1962, que alinharia o país ao raciocínio norte americano de manutenção do capitalismo e consolidação da sociedade cristã ocidental.

Não é de se surpreender que a UnB foi uma das universidades mais violentadas durante o regime. Seguindo a proposta de Darcy Ribeiro, qualquer área de conhecimento que pudesse ser explorada devia ter espaço para construção do saber, e as ideias marxistas não foram ignoradas. O frenesi social que o mundo caminhava graças a uma teoria que se contraporía as forças do capital, e enquanto em um regime era acreditado que pobres e ricos deveriam coexistir pois cada um tinha seu papel econômico, o novo sistema conclamava o proletariado a luta contra dos seus patrões e contra as classes estabelecidas, discurso que encontrou aceitação na mente popular e na UnB ao foi diferente.

Não dá para ignorar a proximidade que a Universidade tem com a sede do poder federal, o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, isso na visão dos generais era perigoso, ter um núcleo livre de pensamento intelectual e social nesse momento, era correr um risco para a segurança nacional. Não obstante a UnB foi taxada de uma universidade fortemente marxista, que formaria pensadores que ao invés de investir no país, serviria apenas para sua destruição. Os militares começam os terríveis assaltos a universidade.

A primeira invasão dos militares na UnB se deu logo em seguida, a jovem universidade tinha apenas dois anos, quando um comboio de quatorze ônibus de tropas militares vinda de Minas Gerais chegou ao campus da universidade, com armamentos, ambulâncias e não encontraram um ambiente hostil, pelo contrário havia um clima de serenidade. Em seguida alguns prédios foram cercados e revistados para apreender qualquer material que fosse considerado subversivo ou ligado, de quaisquer formas, a ideologia socialista. Nessa investida alguns alunos e professores foram detidos e levados para prestar esclarecimento. Logo a UnB experimentaria outra interferência demonstrando que o governo militar não aceitaria que a universidade se auto administrasse. O presidente da república Humberto Castelo Branco arbitrariamente afastou o reitor Anísio Teixeira, colocando em seu lugar Zeferino Vaz, médico com tradição acadêmica que havia apoiado a instalação do regime. Essa posição coloca o novo reitor como um interventor do regime militar nos assuntos acadêmicos.

Não era do interesse militar a destruição nem o sucateamento das universidades, pelo contrário, estas teriam participação ativa para que o país fizesse parte do grupo de países de primeiro mundo. Nas décadas de 1970 a universidade ganhou quatorze novos cursos de graduação um aumento de 82%<sup>3</sup> em relação a 1962, e esses cidadãos que entravam nos cursos superiores eram devolvidos a sociedade como mão de obra qualificada para atender as necessidades da nação. O que os militares buscavam suprimir eram os alunos e professores considerados subversivos e perigosos para o desenvolvimento da nação, eram aqueles que compactuavam com as ideias socialistas, e já que o governo adotara a postura de guerra total, intervir militarmente para “preservar” as universidades desse mal era seu dever.

Nomes como os de Honestino Guimarães, estudante que teve decretada sua prisão e hoje está nas listas de “desaparecidos” do regime militar, alunos como Waldemar Alves que em uma das violentas invasões da polícia militar a universidade foi baleado na cabeça e foi internado em estado gravíssimo ficando entre a vida e a morte. Outra centena de professores e estudantes que foram violentados e presos, levados a interrogatórios e proibidos de falar sobre os assuntos subversivos em suas aulas. Esse clima de insegurança trazido pelas tropas militares fez com que em 1965, 80% do quadro de professores e instrutores da universidade renunciaram em conjunto aos seus cargos, deixando um déficit no quadro de professores colocando a universidade em um grande desfalque. Restava agora continuar lutando, e esperando que as vidas e as manifestações que foram gastas nesse período tão conturbado fossem recompensados.

Do lado da universidade, tal ideário não fazia parte do papel que a universidade deveria cumprir para com o país, segundo os fundamentos deixados por Darcy Ribeiro, “O traço mais característico da Universidade atual é sua capacidade de automobilizar-se, tanto para questionar a estrutura de poder e a ordem social quanto para propor utopias concreta, relativamente ao que deve ser a sociedade e existência humana.” (1991. p, 15) dessa forma a Universidade de Brasília jamais compactuaria com a posição militar, e seu espaço de conhecimento intelectual, passava ser também o espaço da luta política dos estudantes, dos professores que lutavam agora para a democracia e a liberdade.

---

<sup>3</sup>Todos os Dados referentes aos acontecimentos e dados estatísticos foram tirados do site da História da UnB e no trabalho de Lelis.

## 2.4 UnB Redemocratizada.

Cessou o regime militar, Tancredo Neves é primeiro presidente eleito democraticamente, apesar de não chegar a tomar posse sendo seu Vice, José Sarney quem efetivamente toma posse do cargo. O Brasil promulga a constituição de 1988 e são instaurados o Estado Democrático de Direito e a instituição da república presidencialista.

Nesse novo cenário político e social a UnB recomeça a andar com as próprias pernas. Os anos da repressão acabaram deixando um desfalque em seu crescimento e em todas as gerações que passaram por aqueles corredores, a herança do regime militar era um fantasma presente, que descaracterizou totalmente o projeto pedagógico da universidade, trazendo para dentro da instituição professores contratados que não entendiam ou não tinham conhecimento da proposta pedagógica original e a perda de sua autonomia de gestão e financeiro. Era imprescindível que o novo reitor se voltasse para a proposta original, pensada e estabelecida no plano orientador

O novo Reitor seria decidido de forma correspondente ao novo momento político que o Brasil vivia, antes a candidatura à reitoria, dentro da estrutura política de controle ditatorial, acontecia da seguinte forma: o Colégio Eleitoral da UnB elaborava uma lista com seis nomes indicados ao posto. Essa lista era encaminhada ao Ministério da Educação, sendo este responsável em encaminhar um dos nomes ao Presidente da República, que aprovaria ou não a nomeação para reitor (JORGE, 2012). Essa era uma forma estratégica que garantia a permanência de um reitor, na universidade, que fosse adepto ao regime militar vigente. Mas o novo reitor, esse foi eleito pela própria comunidade acadêmica com 616 professores – 80% do corpo docente – e 5.450 alunos – 64%<sup>4</sup>do total dos estudantes, de forma democrática e legítima, tomava posse o magnífico reitor Cristóvam Buarque.

Sebastião Varela (1989) expressa, por meio da arte, como foi esse momento tão esperado.

Mas como aqui neste mundo  
cada coisa tem seu dia

---

<sup>4</sup>Dados retirados de 1962, O Começo, site da história da UnB.

e ninguém pode ser dono  
de tudo quanto a terra cria  
não houve quem empatasse  
Dr. CRISTOVAM na Reitoria

Agora sim acredito  
na nova democracia  
a nossa Nova República  
enxerta do Brasil  
só a dezoito de junho  
ela chegou por aqui

voltamos aos candidatos  
nos dias da eleição  
interessante campanha  
mais bonita votação  
cada um seus eleitores  
na mais perfeita união

Muitos eleitores confusos  
sem saber mesmo votar  
muitos cabos esperantes  
deixe eu vou explicar  
meu candidato é esse  
podem todos confiar (pp. 100-101).

Cristóvam assume levar adiante as transformações que eram necessárias para refazer a UnB. Era preciso romper com as amarras deixadas pelos militares, e uma de suas estratégias foi colocar nos prédios na universidade o que era imperativo saber, uma pergunta feita antes pelo próprio Darcy Ribeiro. Para onde vai a UnB? Era a pergunta, e logo abaixo um espaço para que os estudantes opinassem e escrevessem suas colocações (SOUSA JUNIOR. 2014), todo esse material foi compilado para ser enviado ao Primeiro Congresso Estatuinte da UnB ocorrido em 1988 que contou com alunos, professores e servidores da universidade.

Os estudantes precisavam se acostumar com a universidade e a autonomia, porque nas palavras de Darcy, *“A primeira obrigação da comunidade de professores e alunos da UnB, meu querido Cristóvam, é olhar para frente para prefigurar, aqui e agora, utopicamente, o que dentro de dez, vinte anos, a UnB há de ser...”* (1968,

p.9). A universidade carecia de um planejamento de si própria, de como iria reestabelecer suas funções para que não ficasse sem rumo, que ela cumprisse sua função para com o Brasil e para com a cidade de Brasília, sempre se questionando e buscando compreender o Brasil, problematizando-o, para assim ela pudesse viver o seu destino, como uma universidade que possuísse o saber humano e que cultivava a erudição e não uma simples vaidade acadêmica.

Cristóvam em sua gestão busca reparar os abusos causados pela gestão que fora influenciada pelo militarismo, reintegrando simbolicamente, vinte anos depois, os professores que participaram da demissão coletiva em 1965. A universidade ganhava tempo, pois não se tinha a pretensão de construir do zero e impô-la a realidade. Não, era necessário que ela crescesse como fenômeno do acúmulo qualitativo das experiências que garantiria novamente aos estudantes e professores certos direitos que eram necessários serem preservados para que a vida na UnB se volta a ser tal qual Darcy imaginou ser:

Nesta Universidade ninguém, professor ou aluno, será punido ou premiado, jamais por sua ideologia. É o princípio do respeito recíproco, da tolerância, da liberdade docente. E preciso que a esquerda, reintegrada agora em seus direitos, não faça o que fazia a direita; não comece a ser intolerante. (RIBEIRO, 1986. p.22).

## **2.5 UnB de hoje em dia.**

A Universidade de Brasília que nascia do barro vermelho do cerrado está diferente. Hoje essa academia conta com um quadro bem mais amplo de prédios e alunos. O campus Darcy Ribeiro, em Brasília, é a unidade central da UnB e ocupa uma área de 4km<sup>2</sup> da Asa Norte e de área construída são mais 513.767 mil m<sup>2</sup>. Espaço esse que abriga 26 institutos e 21 centros de pesquisa, para o desenvolvimento das atividades práticas, com o intuito de disponibilizar os meios necessários para uma educação completa o campus também conta com 440 laboratórios, 21 centros, sete decanatos, seis órgãos complementares (Biblioteca Central, Centro de Informática, Editora Universidade de Brasília, Fazenda Água Limpa, UNBTV, Hospital Universitário de Brasília.). Seis secretarias e ainda possui um hospital veterinário com duas unidades, um de grande porte, e outro de menor porte. O Centro Olímpico providencia uma estrutura de lazer e prática esportiva para os estudantes que

desejarem se exercitarem, piscinas, quadras, pistas de corridas e está disponível para toda a comunidade interna da UnB<sup>5</sup>.

Dentro do campus ainda existem espaços para o atendimento da comunidade acadêmica como bancos, agência dos Correios, posto de combustível, lojas de conveniências, barbearia, sapataria, livrarias, restaurantes e lanchonetes. É claro que a universidade procura providenciar em seu espaço o lazer, livre e acessível, que incentive uma vivência social dos estudantes, que podem desenvolver nessa esfera da vida, que passa dentro da universidade, um espaço para o lazer a convivência cotidiana.

Desses espaços de convivência e lazer podemos destacar ainda os Centros Acadêmicos. Localizados ao longo dos prédios da Universidade de Brasília os Centros Acadêmicos são sociedades formadas pelos estudantes de seus respectivos cursos com o intuito de se organizarem e terem um lugar para usufruir do espaço da universidade. A maioria dos cursos possuem centros acadêmicos que possuem várias funções, como difusores de informações, de convívio estudantil, de práticas desportivas e outras atividades preconizadas pelos estudantes. Mais adiante a pesquisa se aprofunda nessa temática buscando um olhar mais crítico ao papel desempenhado pelo Centro acadêmico do curso da Geografia.

A UnB conta com 3 campi fora de Brasília, em Planaltina, Ceilândia e Gama, construídos para aumentar a extensão do alcance de um ensino superior mais democrático. Para que fosse possível essas obras na UnB fizeram parte do programa de Reestruturação e Expansão das Universidade Federais – REUNI – que foi lançado pelo MEC a fim de ampliar e o acesso e a permanência dos cidadãos ao ensino superior. Isso é uma tentativa de aproximar a universidade dos brasilienses e conferir a eles possibilidades mais concretas de poderem cursar um curso em uma universidade federal. O programa concedeu a UnB uma expansão física do espaço, podendo expandir sua oferta de cursos e quantidade de alunos, que estimam ser 28.570 alunos, divididos em 109 cursos de graduação e 147 cursos de pós-graduação e um corpo docente composto por 4.445 professores, nos quais 1.862 deles possuem doutorado. Todos esses investimentos somam para a Universidade uma infinidade de benefícios, e eu quero destacar dois deles.

---

<sup>5</sup> Dados retirados do site da Universidade de Brasília – Estrutura.

O primeiro é a diversidade de sua comunidade interna. Iniciativas como o Programa de Avaliação Seriada – PAS – em que os alunos do ensino médio podem fazer a cada fim de ano letivo uma prova correspondendo ao seu conteúdo e no fim do terceiro ano se aprovados, os alunos ingressam na universidade. Em 2014 a UnB modifica seu sistema de seleção, mantendo no meio do ano o tradicional vestibular, e no começo do ano fazendo valer a nota do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – por meio do Sistema de Seleção Unificada – SISU - <sup>6</sup>abrindo uma concorrência nacional e dando ao estudante um leque mais diverso para que ele escolha qual universidade cursar. Se falamos em diversidade do espaço acadêmico não posso deixar de mencionar o sistema de cotas da universidade, que procura inserir no contexto da universidade populações que normalmente se encontram em profunda minoria ou praticamente excluída das universidades públicas. A UnB reserva 5% de suas vagas para cotas raciais, e assim que lei federal 12.711 de 2012 entrar em vigor em 2016 50% das vagas da UnB ficarão reservadas a alunos que cursaram integralmente o ensino médio na rede pública de ensino.

Apoena Pinheiro/UnB Agência  
Cotas no vestibular 2016



Figura 1<sup>7</sup>

Essa nova configuração serviria para que o espaço da universidade se tornasse mais acessível para a parcela da população mais comumente excluída, resultando em uma universidade mais inclusiva e mais possível.

O segundo benefício seria o status que a universidade recebe. Um estudo recente lançado pela companhia britânica *Quacquarelli Symonds* (QS) apontou que UnB

<sup>6</sup>As informações são encontradas no site de Edson Machado e do portal do MEC que se dedica a explicar o que é o REUNI.

<sup>7</sup>Dados e gráfico sobre o sistema de cotas a ser adotado pela UnB podem ser encontrados no site da Universidade de Brasília – Entenda a Evolução das Cotas na UnB.

está em 10º lugar no ranking de universidades da América Latina. Isso demonstra um crescimento da UnB que em 2014 ocupava a 17ª posição desse ranking. Os parâmetros para definir tal posição foram a reputação acadêmica, reconhecimento no mercado de trabalho, relação entre número de funcionários e alunos, citações por paper, volume de papers, professores com doutorado e presença na internet. Fica claro que a UnB além de procurar democratizar o acesso ao ensino superior público no Distrito Federal, procura oferecer uma qualidade de ensino e segurança para os alunos e professores, que buscam cursar uma graduação que tem reconhecimento nacional e internacional, que promove um ensino de qualidade, tonando espaço da divulgação do saber e do intelecto para sua comunidade interna e externa.

A complexidade dos dados e suas interações entre si não conseguem resumir a totalidade da experiência universitária que ocorre na UnB, mas escrutinar esses aspectos nos abrem noções de como a universidade tem um importante papel a desempenhar no seu espaço para o Distrito Federal, e quão urgente se faz de estar a par de como esses papéis interagem um com os outros, formando uma universidade completa, mas nunca terminada.

Esse desenvolvimento acadêmico, o aprofundamento da percepção, ele vai progredindo com o tempo e dentro do contexto social que estamos incluídos, essas ideias vão adquirindo forma. Na próxima seção, trabalha-se com o crescente saber geográfico, desde sua primeira escola alemã, até os dias contemporâneos. Levantando questionamentos e teorias que serão utilizados ao longo da pesquisa para justificar a investigação no espaço.

### **3. CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA DO LUGAR NA GEOGRAFIA.**

A geografia ao longo de seu tempo, vem se renovando e buscando à medida que surgem novos paradigmas, incorporar saberes mais modernos e referentes ao seu tempo. Não foi assim em toda sua história já que nem sempre foi aceita como ciência. Os estudos geográficos são iniciados pelos Gregos Antigos, que exploraram a geografia como ciência e como filosofia. Começamos com o estudo da geografia já no século XIX onde se encontra o começo de sua ação como ciência social. Para isso conceitos-chaves que guardam forte inter-relação entre si são os objetos de estudo ao longo do tempo, são esses conceitos: espaço, região, lugar, território e paisagem, que em cada abordagem feitas, ganham novas e complexas dimensões, esses debates conceituais servem para enriquecer e problematizar tais conceitos para que eles se tornem mais sólidos para fundamentação do saber geográfico. Faremos um percurso por essas diversas abordagens para localizar e melhor compreender os conceitos de lugar e geograficidade na evolução do pensamento da ciência geográfica no âmbito da geografia que foca seus estudos de forma mais direta do homem com seu meio. Lembrando que existem outras áreas do estudo geográfico, como as mais voltadas para o ambiente físico da terra, mas não é intenção desse trabalho reforçar nenhuma crença na dicotomia que a Geografia sofre atualmente, entre sua produção de conhecimento na área humana e na área física, mas é preciso deixar explícito sobre qual fundamentação teórica será feita.

#### **3.1 Determinismo Ambiental.**

No século XIX a efervescência entre os países europeus era grande, Inglaterra, França, Portugal, Espanha e outros países europeus já tinham passado por Revoluções Industriais e Colonialismo nos Novos Continentes da América, Ásia e África. Dentro desse panorama histórico ficam os reinados da Prússia que ainda lutava para se unificar e estabelecer-se como nação alemã, e os primeiros cientistas geógrafos que absorviam desse contexto e produziam muito em virtude dele.

O primeiro e grande cientista que ajuda a fundar a geografia como ciência e área de estudo nas universidades é A. von Humboldt (1769-1859). Horacio Capelaponta em Humboldt um precursor do estudo da geografia moderna:

Quase todos os estudiosos da história da geografia concordam em considerar Alexander von Humboldt como o pai da moderna ciência geográfica. Sua obra, sem dúvida, foi decisiva para a configuração de muitas das ideias geográficas, particularmente no campo da geografia física (CAPEL, 2004, p. 11).

Humboldt faz grande avanço no campo científico, suas viagens de exploração pelo mundo inteiro lhe rendeu uma grande riqueza de estudo. Em suas viagens ele procurou entender as diferenças e semelhanças entre a paisagem da superfície terrestre. Capel afirma:

Humboldt comparava, de fato, sistematicamente as paisagens do setor que estudava com outras partes da Terra. Assim, por exemplo, comparava as planícies do Orinoco com os Pampas, os desertos do velho continente e os da América, o altiplano do México e o da Península Ibérica, as montanhas da Europa e as do Novo Mundo (CAPEL, 2004, p. 14).

Sua procura pelas causas genéticas da origem do relevo e suas relações gerais entre áreas similares da Terra foi muito aceita juntamente com o estudo da distribuição espacial desses diferentes fenômenos físicos em uma época em que apenas a paisagem europeia era conhecida, Humboldt expande esse conhecimento. Outro geógrafo contemporâneo de Humboldt, foi Carl Ritter (1779-1859) que apresentou grande contribuição para geografia através de seus estudos, onde ele propõe de forma direta uma relação entre a superfície terrestre e a atividade humana. Em seu trabalho Ritter considera o mundo como um palco da ação humana, era mister interpretar a luz da ciência como os fenômenos físicos interagiam com a espécie humana, e que resultados poderiam ser obtidos.

Capel (2004), explica como o geógrafo alemão entendia a geografia citando um trecho da obra "Erdkunde":

Esta ciência tenta possuir a mais completa e cósmica imagem da Terra; resumir e organizar em uma bela unidade de tudo o que conhecemos do globo [...]. A geografia é a parte da ciência que estuda o planeta em todas suas características, fenômenos e relações, como uma unidade interdependente, e mostra a conexão deste conjunto unificado com o homem e com o Criador do homem (RITTER IN: CAPEL, 2004, p. 41).

Ritter consegue estudar essas leis físico-naturais, mas é problemático relacioná-las com as leis sociais, tendo em vista que essas são mais maleáveis e instáveis, o que foi difícil para Ritter conseguir conciliar em sua obra.

Dentre esses grandes mestres e suas profundas obras, gostaria de destacar o papel de um geógrafo da escola alemã que tem notável contribuição para a ciência geográfica e para a consolidação do Estado Alemão e sua necessidade expansionista, este era Friedrich Ratzel (1844-1904).

Defensor desse paradigma onde as condições naturais, especialmente as climáticas, determinariam o comportamento do homem interferindo diretamente na sua capacidade de progredir. Segundo Andrade (1987):

Friedrich Ratzel tornou-se famoso por haver dado maior ênfase ao homem na sua formulação geográfica. Vivendo na Alemanha e tendo assistido à sua unificação, sob a égide de Prússia, formulou uma concepção geográfica que correspondia aos anseios expansionistas do novo Império. Dedicando-se às ciências naturais, sobretudo à Antropologia, encarou o homem como uma espécie animal e não como elemento social. Tentando explicar a evolução da humanidade dentro dos postulados de Darwin. A evolução se processaria através da luta entre as várias espécies, vencendo as mais capazes na sua adaptação ao meio natural. Se isso ocorria entre as várias espécies, ocorria também entre as raças humanas e os povos, sendo selecionadas para a sobrevivência e para o mundo as mais capazes de se adaptar e de controlar o meio natural. Daí a ideia da superioridade dos europeus, povos com uma civilização mais dinâmica frente aos coloniais, ditos selvagens, bárbaros e com civilizações estagnadas (ANDRADE, 1987, p. 54).

Fica bem claro que o determinismo ambiental tem uma profunda base na experiência e teoria Darwinista de seleção natural e sobrevivência do mais adaptado. As observações do naturalista inglês Charles Darwin e sua publicação *A Origem das Espécies*, muda muitos paradigmas na ciência da época por conseguir oferecer em uma teoria o surgimento e desenvolvimento das diferentes espécies do mundo. Tal teoria científica não ficou restrita ao ramo da biologia, se podemos observar mudanças no comportamento e diferenças fisiológicas nas espécies de animais que estão espalhados pelo globo, nada mais natural que o mesmo aconteça com o animal-homem. Os povos europeus creram serem eles as sociedades mais avançadas, os mais adaptados, segundo a visão darwinista, do mundo, colocando abaixo de si os impérios orientais e as culturas e organizações africanas e americanas, vistas como estagnadas ou simplesmente precária e atrasada. Cabia

aos povos europeus o direito natural de expandir e levar esse estado civilizado para os povos do novo mundo.

Ratzel escreve uma de suas obras mais importantes a *Anthropogeographie* (1882). É nessa obra que Ratzel escreve da influência que o meio exerce no homem e Moraes (2005) coloca m contexto de como podemos compreender as proposições de Ratzel e porque foram importantes naquela época.

[...] em função da época e da sociedade que as engendram. A Geografia de Ratzel foi um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém-constituído. L. Febvre chegou a denominá-la de “manual de imperialismo”. (Moraes 2005, p. 18)

A antropogeografia de Ratzel estava fundada em dois principais conceitos. O Território e o Espaço Vital. Ratzel procura uma geografia que acaba por justificar as ações imperialistas do Estado Bismarkiano, afirmando que é no território é o espaço apropriado e politizado pelas pessoas, essencial para que se pudesse ser/ter uma nação. Castro (2005) explicita esse vínculo criado pela teoria ratzeliana:

Este eixo é o vínculo estreito entre o Estado e o solo – que pode ser compreendido como o território construído por uma sociedade através da sua história; o enraizamento da sociedade e do Estado ao solo, que se torna o continente de signos e símbolos socialmente construídos e valorizados como patrimônio comum de um povo. Este foi o eixo em torno do qual se estruturou a geografia política ratzeliana (CASTRO, 2005, p. 68)

Essas formulações da Ratzel são muito importantes por lançar uma nova compreensão do espaço, por criar a necessidade de entender que sem um território, sem autonomia, uma nação não consegue avançar politicamente, ainda mais naquela época onde o neocolonialismo e o capitalismo avançavam a passos largos, e o espaço vital, que liga o homem a terra em que ele vive, perpetuando um pensamento de unidade e de cooperação, os prussianos só conseguiriam avançar para se tornar uma grande nação se eles entendessem o papel deles no território e formassem uma nação coesa, uma nação alemã, que a fim de sobreviver, como qualquer espécie humana do mundo, usaria de poder militar para assegurar sua sobrevivência, sobrevivência ligada ao espaço, espaço vital.

### 3.2 Possibilíssimo Geográfico.

Mais precisamente no final só século XIX foi elaborada uma resposta ao pensamento determinista alemão. Foi instaurado na França, país fronteiro da Alemanha, a *école française de géographie*, essa escola francesa de geografia buscou uma produção que buscasse responder ao pensamento alemão, para que fosse descaracterizado a política imperialista alemã, sem descaracterizar a ação expansionista do Estado Francês.

A escola francesa possibilista teve seu expoente em Vidal de La Blache (1845-1918) que, como aponta Moraes (2005) segue bases mais liberais inspirados pelo período da revolução francesa. La Blache faz críticas ao modelo de geografia proposta por Ratzel, pois as considerava de cunho naturalista, da incorporação da política a geografia e mecanicista em sua essência, pois tratava o homem como um coadjuvante no desenvolvimento da natureza e do mundo. Moraes (2005) aponta que foi o geógrafo francês quem define o objeto de estudo da geografia como sendo a relação homem-natureza na perspectiva da paisagem. O homem deve ser compreendido como aquele que sofre interferências de seu meio, e responde a esse estímulo de forma mais adequada. Suertegaray (2001) chama atenção para o pensamento de La Blache que concebe a geografia como ciência dos lugares e não dos homens, já que a preocupação estava em estudar a ação humana que se materializavam no espaço, e não um estudo das relações sociais e seus efeitos.

La Blache não exclui de sua tese a influência do meio sobre o homem, ele adiciona o fator técnica a ela, a resposta do homem aos estímulos naturais viriam segundo seu grau de recursos e técnicas disponíveis, lembrando que os países europeus acabavam de sair de seus períodos de revolução industrial, quando eles se deparam com os países da África, Ásia e Américas, não é de se espantar que eles acreditaram serem superior, já que possuíam maior potencialidade de resposta ao meio, através da construção de cidades, vias de acesso, navios, produção fabril, todas qualidades vistas por eles como sendo fruto do progresso do pensamento científico que esses novos continentes não possuíam, eram ainda tribais, que andavam nus, e não “possuem nenhum saber”. Com essa visão a França está justificada em possuir colônias e exaurir ao máximo seus bens e recursos, já que ela o fazia a fim de levar o progresso europeu aos outros povos, a fim de aumentar sua capacidade de resposta ao ambiente.

Os estudos franceses eram voltados a pequenas áreas que ficaram conhecidos como estudos regionais, que entendia essas regiões com aspectos de camadas, primeiramente a esfera física, depois humana e econômica. O meio físico seria o suporte da ação, a primeira forma de ver e entender o espaço, pelos seus aspectos naturais, a partir dessa base, o homem constrói materialmente sua realidade utilizando da natureza para sua sobrevivência. Sobre a geografia regional Rodrigues (2008) explica:

[...] ele divide o estudo geográfico em quadros físicos, humanos e econômicos. Assim, tem-se, por exemplo, nos trabalhos monográficos e regionais: a localização da área, por meio de projeções cartográficas; o quadro físico; como relevo, solo, hidrografia, clima vegetação etc.; a formação histórica de ocupação humana do território; a estrutura agrária; a estrutura urbana; a estrutura industrial etc. Finalmente, apresenta-se uma conclusão, com um conjunto de cartas, objetivando demonstrar uma relação entre os elementos humanos e naturais da região (p. 86).

Os geógrafos franceses tinham por interesse uma criteriosa descrição dos quadros físicos, sociais e econômicos da região para apresentar suas correlações posteriormente, nem no Possibilismo nem no determinismo era o homem visto como ser social, era mais importante ressaltar a forma que o meio transformava e modificava esse homem, mas a geografia francesa arrogava-se como mais completa por colocar o homem em posição ativa frente aos desafios enfrentados.

Os estudos vidalianos se opõem ao conceito de espaço vital em Ratzel, e substitui pelo gênero de vida, que seria essa soma das partes naturais e físicas do ambiente regional com a soma do fator humano e econômico das sociedades. Essa é necessariamente uma relação de pertencimento, onde o homem e a natureza se reconhecem reciprocamente e nas ações cotidianas cada homem constrói seu espaço que é interligado com a natureza local. A partir dessa análise de observação, comparação e conclusão, La Blache se torna um grande pensador e difusor da geografia em seu tempo.

### **3.3 Nova Geografia (Teorética-Quantitativa).**

O mundo a partir da década de 1950 não é mais o mesmo. Acontecimentos nunca antes visto foram presenciados na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Os países europeus foram por duas vezes arrasador pela força destrutiva da guerra, e as

consequências desses conflitos para as sociedades foram tremendas. O incentivo da guerra também impulsiona mudanças sociais, cada vez mais o capitalismo de mercado ganha força mundial, nas fábricas a força de trabalho ficou responsável pelas mulheres, que assumiram os postos dos homens que foram lutar na guerra, e quando ela acabou, elas não voltaram para suas casas, agora elas queriam ter o direito e o reconhecimento de sua força de trabalho, sua importância, e independência financeira.

Nesse momento histórico, os pesquisadores buscaram e adotaram novas perspectivas metodológicas e científicas, o avanço e estabelecimento do neopositivismo modificou a postura que os pesquisadores adotaram em relação a suas observações da realidade, se não houvesse a possibilidade de submeter a área do conhecimento a verificações lógicas, o estudo não faria sentido.

A geografia não fica por fora desse movimento, os novos geógrafos veem um grande distanciamento do conhecimento feito no período pré-guerra para o momento do pós-guerra, e por isso começam um movimento de renovação da geografia. Esse movimento de renovação chamado de Nova Geografia por Manley em 1966 procurava formas diferentes de pensar e se opôs a essa geografia tradicional feita pelos seus predecessores. Conforme Camargo e Reis Júnior (2007):

Denomina-se Geografia “Teórica e Quantitativa” ou Geografia “Neopositivista” a corrente que começou a se formar logo após a Segunda Guerra Mundial e que terminou por trazer profundas modificações teóricas e metodológicas. Esta escola se caracterizou pelo emprego maciço das técnicas matemático-estatísticas na geografia, provocando uma verdadeira “revolução” no seio dessa ciência [...] (p.84).

Esses novos paradigmas adotados nesse novo momento histórico, acaba por deixar de lado a produção de conhecimento geográfico, não sendo descartado mas visto como distante da realidade atual, faltava na geografia geral do século XIX rigor metodológico. Para Santos (1986) a quantificação na geografia ocorre na busca de conferir grau científico ao conhecimento gerado pela ciência geográfica, o positivismo lógico garantiria status de ciência, obedecendo a características como mensuração por modelos matemáticos, e suas ferramentas quantitativas, de desvio-padrão, coeficientes de correlação, médias e outras. Esse embasamento

matemático vai moldando a geografia nesse novo período conferindo a ela características na sua produção. São elas:

- só descartando a metafísica alcança-se o conhecimento científico;
- o empirismo deve ser estendido a todo o domínio do pensamento;
- todas as ciências são matematizáveis;
- ciência significa compreensão do mundo e não intuição dele;
- experiência e linguagem completam-se reciprocamente;
- só tem sentido o que é fisicamente verificável; - proposições que não se prestam à verificação e à mensuração são destituídas de sentido;
- a ciência não estuda leis objetivas da natureza, mas somente os dados da experiência mediada pelos sentidos ou por instrumentos (SCIACCA, 1968 IN: CAMARGO; REIS JÚNIOR, 2007, p.91).

A região, diferentemente de como foi tratada no determinismo ambiental e no Possibilismo geográfico, é tratada com uma visão particular de classificação, como procede nas ciências naturais. A mudança tão rápida e repentina da organização espacial depois da Segunda Guerra Mundial compromete o antigo arranjo das formas criadas pelos homens, e graças ao avanço do capitalismo, mudaram-se também as quantias de dinheiro que eram investidas nesses arranjos terrestres, traz à tona uma questão da eficiência máxima de cada uma dessas localizações. Tal eficiência estava logicamente ligada a ótica capitalista de produção. Um novo conceito é desenvolvido, o de organização espacial que era entendido pelos seus padrões espaciais, resultado de escolhas locais, privilegiando as formas e os movimentos na superfície da Terra.

No tempo da modernidade a geografia consegue então status de ciência justamente por seguir essa metodologia. Devemos ressaltar que é durante esse tempo que o espaço surge como categoria fundamental da disciplina, Schaefer (1953), Bunge (1966), Watson (1955) são todos autores que postulam a geografia dentro desses moldes. O conceito de paisagem é deixado de lado e o de região sofre uma redução para um processo de classificação de unidades espaciais segundo procedimentos de agrupamentos e uma lógica divisão nas bases técnicas da estatística. Lugar e território não entram como categorias estudadas pelos teóricos-quantitativos da modernidade.

Nesse âmbito, Corrêa (2003) apresenta a geografia tratandodo espaço em duas formas que não são mutuamente excludentes. De um lado remos o conceito de planície isotrópica, e do outro, sua representação matricial.

A planície isotrópica era a forma que o espaço era visto, completamente homogêneo em seus diversos horizontes, tanto da geomorfologia, como clima e passando pela cobertura vegetal, as experiências humanas também seguem o mesmo padrão hipotético-dedutivo do paradigma racionalista, com uma uniformidade demográfica que abrange tanto a parte cultural como de renda por adotar o pensamento racional econômico. Nessa planície isotrópica, os agentes de transformação são puramente econômicos (uso da terra, relação centro-periferia...) tendo a variável mais importando sendo a distância que seria responsável em determinar se o grau de diferenciação espacial.

Nesse contexto, Corrêa (2003) ressalta a importância de Harvey (1969) quando ele propõe o entendimento do espaço relativo (que incorpora a ideia de Einstein sobre a equivalência profunda do espaço e do tempo) a partir das relações dos objetos, que implicam em custos – dinheiro, tempo energia, - todos fatores utilizados para vencer a fricção imposta pela distância.

Harvey utiliza de uma abordagem mais econômica para formular suas teorias.

Mesmo com essa nova realidade, é necessário que esclareçamos o papel que a introdução da visão dos geógrafos lógico-positivistas na concepção do espaço.

Corrêa (2003) afirma que:

Trata-se de uma visão limitada de espaço, pois, de um lado, privilegia-se em excesso a distância, vista como variável independente. Nessa concepção, de outro lado, as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações são inexistentes ou relegadas a um plano secundário... (Corrêa 2003, p. 22,23)

As quantificações oferecidas pelos modelos metodológicos da matemática foram de crucial importância para o desenvolvimento da ciência. Esses modelos matemáticos enriquecem e concedem mais confiança no trabalho do geógrafo. Os estudantes estavam mais preocupados em discernir e descrever os padrões do que buscar compreender o momento de efervescência social que se dava no espaço.

Apesar das críticas feitas pela abordagem tão sistêmica e mecânica das interações espaciais, Corrêa (2003) ressalta que se abordamos as representações matriciais e

isotrópicas como constituintes de meios operacionais, elas vão nos permitir extrair um importante conhecimento sobre localizações, fluxos, hierarquias e especializações funcionais. Essas são consideradas importantes contribuições que libertadas de pressupostos como a planície isotrópica, a racionalidade econômica, competição perfeita e a-historicidade dos fenômenos sociais, podem cooperar na compreensão das dinâmicas da organização espacial.

### **3.4 Geografia Crítica ou Geografia Marxista.**

Se no pós-Segunda Guerra Mundial o mundo experimentou um grande período de prosperidade do capitalismo como sistema econômico e social, a década seguinte foi marcada por uma forte crise econômica generalizada por conta do choque no preço do petróleo.

Esse período é marcado por uma efervescência social muito grande e o desenrolar da Guerra Fria (1947-1991) com o embate de superpotências mundiais, de um lado Estados Unidos e seus aliados e do outro, A União Soviética e suas aliadas. O embate entre modos de vida e de produção, capitalismo *versus* socialismo, dominaram o momento histórico.

As produções acadêmicas são profundamente marcadas nesse período, a crise do sistema capitalista coloca em evidência um processo de desigualdade social que era crescente e fragiliza os fundamentos neopositivistas e da geografia teórica de serem os métodos a proverem os resultados mais fidedignos e verossímeis a realidade. Começou a ser feitas críticas a geografia por não saber lidar com as complexidades da realidade, da desigualdade racial e de classes, dos movimentos estudantis e dos países subdesenvolvidos, a realidade dos problemas gerado pelo sistema se avolumavam e nada era feito para se dar uma resposta a elas. Foi então que os geógrafos viram a necessidade de incorporar novas filosofias a produção geográfica, a trazer uma realidade mais crítica, já que não se sustentava mais a premissa de imparcialidade da produção científica por parte do pensamento neopositivista. Conforme Gomes (2003):

O discurso crítico considera, portanto, a ciência em sua forma dominante como um instrumento de alienação social e os métodos positivistas como procedimentos eficazes para reproduzir os modelos de desigualdade social e espacial (GOMES, 2003, p. 278).

Os geógrafos querem uma geografia que não só estude e entenda os problemas mundiais, mas que proponha soluções a eles. É incorporado o materialismo histórico dialético na produção geográfica, e no fim da década de 60 e começo da década de 70 a produção de uma geografia crítica. Podemos ressaltar o que Carlos (1989) diz:

A introdução da análise marxista na Geografia tornou evidente o entendimento do espaço como um produto de relações sociais visto em função de uma formação econômica da sociedade determinada, que tem sua origem na relação homem-natureza. (Carlos, 1989, p.19)

Os principais pensadores dessa corrente foram David Harvey, Yves Lacoste, James Anderson, Henri Lefébvre, entre outros.

Como contribuição ao pensamento de Marx está o artigo escrito por Harvey (1975) no qual ele se propõe a reconstruir a teoria marxista sob bases geográficas, já que houve um negligenciamento desse horizonte nas obras originais, os marxistas abordariam o espaço semelhantemente a ciência burguesa, que compreendia o espaço como receptáculo ou como um espelho externo da sociedade. O atraso das traduções do manuscrito de Marx, *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, traduzido para o português como Elementos Fundamentais para a Crítica da Economia Política, deixou a cargo da obra, O Capital, como fundamento da abordagem crítica da geografia. O problema é que o método materialista histórico e dialético adotado por Marx não faz menção espacial alguma. Corrêa (2003) justifica explicando que tal procedimento pode ser destacado pela crítica que Marx faz a Hegel, já que o idealista alemão escreve sobre o Estado Absoluto como sendo maior que a sociedade e maior que suas partes, nos quais sem o Estado nada pode subsistir. Marx ataque esse pensamento dizendo que é a materialidade quem confere realidade as ações e o Estado existe para suprimir direitos e opera a favor da burguesia e classes dominantes, para Marx esse Estado absoluto inspirado nas monarquias constitucionais de Hegel era deveras reificado e fetichizado.

O espaço vai aparecer como categoria de análise marxista com o geógrafo Henri Lefébvre em sua obra vai destacar que o espaço “*desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema*” (Lefébvre, 1976, p.25).

O espaço ganha na visão crítica a dimensão social, esse espaço social vivido não deve ser entendido de modo absoluto, ele deve ser entendido de forma correlata a prática social sem ser “*vazio e puro, lugar por excelência dos números e das proporções*”(Lefébvre, 1976, p.29) como os neopositivistas viam, um espaço puro e despido de qualquer crítica social, já que para haver crítica deve haver posicionamento do pesquisador, postura vista com repúdio pelos teóricos-quantitativos mas abraçada pelos crítico-marxistas. O espaço para Lefébvre também não pode ser visto como produto da sociedade, ele aponta que se tratado assim o espaço se tornaria funcional, objetivado o que faria com que a riqueza da análise fosse perdida. O espaço não é absoluto nem um produto. Lefébvre é contra também da instrumentalização política no qual o espaço foi travestido. Ele não poderia ser um instrumento de ações individuais e dos grupos dominantes, onde se apropria a força de trabalho para gerar consumo, o espaço é mais que isso, ele é o *lócus* dessas relações espaciais produzidas.

Do espaço não se pode dizer que seja um produto como qualquer outro, um objeto ou uma soma de objetos, uma coisa ou uma correlação de coisas, uma mercadoria ou um conjunto de mercadorias. Estaria essencialmente vinculado com a reprodução das relações (sociais) de produção (Lefébvre, 1976, p.34).

No Brasil podemos destacar as obras de Milton Santos e Ruy Moreira, como expoentes da geografia crítica. Destaco a vasta obra de Milton Santos que é inspirada em Lefébvre e continua a tratar dos paradigmas marxistas a concepção da realidade na perspectiva sócio espacial pois para ele não haveria como pensar nessa construção da sociedade sem englobar o espaço.

Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Desse ponto de vistas as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. (SANTOS, 1977, p.87)

Por englobar esses conceitos da obra marxista, a geografia justifica suas críticas fundando elas na premissa de que para a formação sociocultural de uma sociedade, o espaço era primeira premissa necessária a ser estabelecida. As sociedades produzem o espaço e este só é alcançável e concreto graças a ela.

O espaço geográfico, segundo Milton Santos, é o conjunto indissociável de sistemas de objetos (redes técnicas, prédios, ruas) e de sistemas de ações (organização do trabalho, produção, circulação, consumo de mercadorias, relações familiares e cotidianas), que procura revelar as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, lutam, sonham, vivem e fazem a vida caminhar. (Brasil, 1999, p.310).

Moreira (2004) vai em uma discussão das ontologias da geografia e do marxismo, e estabelece as conexões que foram responsáveis pela prosperidade dessa corrente de pensamento crítico. Ele reflete nos aspectos da geografia e do marxismo da seguinte forma:

A natureza na geografia é um substrato e arsenal de recursos naturais úteis para fins de subsistência e sobrevivência dos homens em sociedade; no marxismo, é uma categoria antes de mais ontológica, que adquire sentido econômico na vida prática enquanto valor-de-uso e valor-de-troca. (Moreira, 2004, p.23)

Santos consegue muito bem articular essas duas premissas que pareciam distantes. É justamente o que ele faz por justificar a necessidade do espaço na formação das sociedades, elevando a compreensão da obra marxista casando com um momento histórico onde é perfeitamente possível ver as ações do sistema capitalista marcando o espaço, o território, a paisagem. Os problemas que o materialismo histórico foi desenvolvendo. O trabalho é visto:

O trabalho é concebido pelos geógrafos como a pletora das atividades por intermédio das quais os homens transformam a natureza-arsenal em meios de vida e sobrevivência...os marxistas veem o trabalho como a relação metabólica homem-meio... (Moreira, 2004, p.23)

Essas conexões entre obras vão dando forma a crítica, que não necessariamente se opõe ao capitalismo em favor do socialismo, não é esse o objetivo a ser alcançado, mas sim de denunciar que essas escolhas econômicas elas não existem sem refletir no espaço, que essa ação material é necessariamente criar o espaço e transformá-lo. Relacionar as estruturas do sistema econômico com as estruturas sociais que passaram a ser notadas nos estudos geográficos. A geografia passa a ver macroestruturas resultantes desses reflexos materiais na/da realidade.

### **3.5 Geografia Humanística e Cultural.**

A crítica marxista fez a sua contribuição para o entendimento da sociedade, mas ainda parecia insatisfatório, a geografia era uma ciência social como categoria, mas que não tratava sobre o social. A necessidade de classificação científica e de uma produção através de metodologias específicas, como as positivistas, não traziam satisfação, pois era demasiado complicado pensar em um complexo ser humano que pudesse reduzir a influência natural do mundo ou das superestruturas que o cerca.

É tomado uma série de estudos mais centrados nas produções humanas, considerando o homem como princípio da interpretação espacial e não o meio natural. É preciso destacar que a esfera cultural tem permeado os estudos geográficos desde a escola alemã. Como vimos anteriormente, podemos apontar Ratzel como precursor da abordagem cultura, ele é o primeiro em sua obra de antropogeografia a abordar relações homem-meio. Sauer (2003) coloca que *“aparentemente, Ratzel não considerava sua Antropogeographie mais que um estímulo e uma introdução a uma geografia humana que devia fundamentar-se em um estudo da cultura”*. Não paramos por aí pois a escola francesa, destacada por La Blache, é também cultural em sua abordagem pois, segundo Claval (2003), La Blache abordaria o aspecto cultural da seguinte forma:

As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a ideia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares. (Claval, 2003, p.149)

Era por meio da técnica, do avanço civilizatório e progresso político e social que as sociedades alteravam a paisagem local, ferramentas do âmbito cultural. Esses dois pensadores da geografia apesar de diferirem, contribuem para uma abordagem cultural por balizar nossa visão em torno da importância da cultura como mediadora entre homem e meio natural. Tal concepção de cultura não era aprofundada, ela se limitava aos utensílios, as técnicas, o jeito de viver e habitar, que permitem os grupos humanos a modelar a paisagem.

Logo mais podemos apontar em 1925 o surgimento da Escola de Berkeley tendo Carl Sauer (1889 – 1975) como seu grande idealizador. Nessa abordagem

privilegiavam-se os ramos de história, área, ecologia cultural chegando a destacar a dimensão psicológica. Para Sauer a paisagem é resultado da ação da cultura ao longo do tempo na paisagem natural. Na Leitura de Corrêa (2003) Sauer fez a seguinte definição de cultura:

[...] como uma entidade supraorgânica, com suas próprias leis, pairando sobre os indivíduos, considerados como mensageiros da cultura, sem autonomia. A cultura era, assim, concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura. (Corrêa, 2003, p.11)

Devemos pensar que nessa primeira abordagem cultural, mais formal por parte dos pensadores acadêmicos, a cultura era vista como movimento material do ser, suas ações, seus reflexos, os utensílios e tecnologias usados eram o foco dessa abordagem em detrimento do aspecto subjetivo da cultura. De acordo com Corrêa (1999) mais severa crítica fora feita quanto a suas visões relacionadas principalmente a questões conceituais e metodológicas já que a geografia cultural não procurou definir leis nem deixava explícito as cadeias lógicas de suas proposições, o que acabou gerando uma falta de prestígio por parte da academia e seu declínio precoce na década de 40. Mas essa escola logo ressurgiria, em meados da década de 1970, utilizando de pequenas mudanças de suas abordagens, fazendo com que o enfoque cultural, no qual a natureza, o homem e a cultura são vistas como fenômenos, complexos e dinâmicos e suas respostas só estariam disponíveis se o geógrafo se dispuser a compreender o sentido que as pessoas dão para sua existência. Corrêa (1999) destaca que:

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo. (Corrêa, 1999, p.51)

Os trabalhos dos geógrafos eram fazer com que fosse discutido o fato de que a Geografia deveria abarcar os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático. (HOLZER, 1996).

Nesse mesmo período de retomada dos estudos da escola cultural, despontam geógrafos que propuseram uma nova interpretação das relações que o homem constrói com o mundo que vive. O livro *Topofilia* lançado por Yi Fu Tuan (1930- ) vai criando destaque para essas abordagens. Anne Buttimer (1938- ) tem fundamental papel para o estabelecimento dessa corrente geográfica ao refletir de forma crítica em suas pesquisas sobre o tratamento sociológico do homem nos moldes da geografia, mesclando uma visão filosófica sobre o existencialismo e a fenomenologia no futuro da Geografia.

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982)

A geografia humanista vai passar a buscar as explicações e fundamentos nas experiências pessoais dos seres que na cotidianidade vivem o espaço, e constrói nele suas redes de relações. O valor e a organização não são dados puramente estatísticos como feito anteriormente na escola teórica, nem são resultados puros das ações materiais dos grupos e do capital ao longo do tempo, como a corrente marxista advogava, é o próprio homem que em seu viver no espaço revelaria suas ações para com ele, não só discutindo tais ações no âmbito espacial, mas com o aporte da escola cultural, elaborar uma discussão a partir da percepção, do mundo-vivido, da paisagem, do território, do lugar, etc.

A geografia humanista não faz uso de metodologias específicas como outras escolas, sua abordagem tende ao lado do campo filosófico, utilizando por vezes a hermenêutica, que significa “arte de interpretar”, que na ciência é utilizada como teoria de interpretação dos signos e de seu valor simbólico, e a fenomenologia, que procura nos conjuntos dos fenômenos e em como eles se manifestam para fazer interpretações da realidade destacando a importância da percepção dos fatos socioambientais, das subjetividades e do sentido que é dado ao mundo-vivido, através dos sentidos, da experiência, da personalidade. A ideia do mundo-vivido na geografia humanista é destacada pela explicação de Buttimer (1982):

Mundo, para o fenomenologista, é o contexto dentro do qual a consciência é revelada. Não é um mero mundo de fatos e negócios... mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte

compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal. (BUTTIMER, 1982, p.172)

A corrente humanista da geografia sofre críticas como as que Andrade (1987) expõe, por ser baseada no subjetivismo e na análise do indivíduo, tal vertente não coloca em discussão a ordem estabelecida e desloca para o individual problemas que, para algumas concepções, inclusive as do próprio autor, deveriam ser consideradas de cunho social.

### **3.5.1 O Lugar Na Geografia.**

Ao longo desse capítulo observamos o desenvolvimento da ciência geográfica. Cada época em que ela foi pensada continha um contexto que também foi passado para que a produção de cada geógrafo ficasse dentro de um escopo compreensível. Os conceitos como espaço, paisagem, região, território tiveram todos um grande âmbito de discussão para cada escola geográfica, onde eram destacados segundo interesse da época e perspectiva de análise tais conceitos. A geografia crítica e a geografia humanista e cultural utilizam em suas abordagens o entendimento do conceito de lugar. É relevante para a melhor compreensão desse trabalho, nós abordarmos mais diretamente sobre essa compreensão de lugar, para assim avançarmos em entender como essa dimensão da geografia, o lugar, é percebido, construído e vivido no âmbito da Universidade de Brasília. Acredito ser interessante ressaltar duas visões que se tem sobre o lugar, que apesar de serem abordagens diferentes não quer dizer que se anulam necessariamente. É importante salientar que não são apenas os geógrafos que abordam a temática do lugar, mas filósofos, arquitetos, urbanistas e outras categorias também pensam ao seu respeito. Foi buscada uma concepção de lugar que fosse de encontro ao tipo explicação que melhor traduz o papel do lugar no contexto geográfico.

#### **3.5.1.1 O Lugar como Uma Construção Social.**

Como já foi dito, é na geografia humanista em que o lugar tem encontrado grande reverberação na produção acadêmica, espaço vital, gêneros de vida, são todas tentativas identificáveis de como o lugar era trabalhado na geografia clássica, não chegando a traduzir todo seu potencial, mas já abordando das relações homem-

meio. Existem características que precisamos evidenciar para que o espaço caiba no conceito de lugar a exemplo, precisa ficar claro que quando falamos de lugar, não estamos nos referindo necessariamente ao local. Pode parecer, em um primeiro olhar, que local e lugar não possuem conflitos, mas na ótica das ciências humanas, é um grave erro confundir as duas categorias. O local funciona mais no sentido de ser um ponto cartográfico, o meio de se dizer que alguém ou alguma coisa se encontra em determinada porção do espaço, e o lugar possui uma localização no espaço, contém o local, mas vai muito além dele. Para Susanne Langer, o lugar é culturalmente definido, já o local é uma qualidade incidental do lugar, definida pela cartografia (Relph, 1976).

A geografia crítica pode ser apontada sem dúvidas como uma das mais prolíferas em termos de produção, duração e influência, acredito ser importante ressaltar alguns aspectos da singularidade da abordagem do lugar nessa perspectiva, para construir um todo mais complexo, para que quando nos confrontemos com o problema real, a nossa base conceitual não pareça distante ou deslocada.

Para abordarmos o lugar como Milton Santos pensava, precisamos elucidar um importante aspecto desse contexto, a globalização. Esse fenômeno tem impacto direto e indireto em todos os ramos do espaço geográfico. A globalização traz aspectos estrangeiros ao lugar, pois se inter-relaciona com ele. É característica fundamental da globalização dissolver ou revogar fronteiras, globalização traz aspectos do mundo, do total, para o lugar, para a esfera local, logo os processos, as reproduções, as apropriações, as benesses do viver em uma sociedade globalizada, onde os fluxos sociais, do capital, da política perpassam a orbita do lugar no espaço, é também a sua fonte de agravo, pois tais fluxos carregam também suas desigualdades de forma muito profunda, marcando o lugar.

O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (...). Assim, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional (Santos, 1977, p.158 e159).

Para a geografia crítica, a especificidade do lugar advém do papel que este representa na dinâmica capitalista. Na definição do conceito, não é necessário que o lugar desfrute de uma longevidade para que seja relevante, mas que desempenhe uma função importante que o diferencie dos demais, é sua profunda relação com os

fluxos globais que ao interagirem com as condições locais, produz o lugar na geografia crítica. A tensão entre a subjetividade daqueles que estão no lugar, que habitam nele, e a objetividade, dos fluxos globais que formam um lugar composto pela dimensão material, que nos fala de tanto sua localização no espaço quanto sua distribuição e da relação do lugar com a totalidade criará sentido à própria arrumação dos objetos e das pessoas nesta porção do espaço geográfico.

O processo de globalização, a presença desses fluxos requer técnica, é nesse momento que o lugar entra em cena, visto como âmbito do desenvolvimento. Evolução da técnica, dos meios de comunicação, da ciência vai apresentando temporalmente relações distintas. Esse crescimento desigual das forças globais não acompanham o mesmo ritmo de desenvolvimento, e se esses são fatores para os quais fazemos ligações com o lugar, certamente nossa relação com ele é modificada. O lugar é reprodução da vida, ainda mais se estivermos pensando em uma sociedade pós-moderna, que está fortemente influenciada por uma globalização tão marcante, tão cheia de complexos locais-globais. Esses muitos fatores são considerados por Santos (1987, p.20) como sendo momento da *“dialética da vida social leva em conta o movimento desses fatores: o dado institucional, o dado econômico, o dado cultural e o dado individual interdependem e interagem.”*

Essa enxurrada de informações está totalmente presente no lugar, e na formação dele. Sua multiculturalidade, seus trejeitos, suas marcas, carregam um pouco de si, da identidade que foi construída pelos seus habitantes, e um pouco da identidade dos de fora, dos que transmitem cultura, arte, ou qualquer meio de viver que seja diferente, desencadeando um processo de identidade e identificação do lugar que outrora não era disponível. Há uma identidade fluida, que varia de acordo com o estabelecimento das relações sociais que ocorrem no cotidiano. Essa produção do lugar ela se materializa no plano do cotidiano, da ação diária, do convívio das pessoas no lugar, e vai tomando forma de apropriação, ocupando o lugar em um local e tempo específico, *“o lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos”* (Carlos, 1996, p.26), trata-se de um estado palpável, o lugar existe e tem forma, substância, são os lugares que o homem habita que dizem respeito ao seu cotidiano e seus modos de vida. (idem, 1996, p. 21,22):

O lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo.

É abrangendo essas esferas do viver que podemos concluir a importância do lugar dentro do espaço. Nós que habitamos o lugar, estamos ligados as nossas identidades, e identidades estrangeiras, do trabalho, das atividades religiosas, das relações de parentesco entre outros. A construção de uma identidade, de uma ligação profunda com o lugar, não é baseada apenas na experiência pessoal, mas sim no conjunto de fatores ativos e passivos da vida pós-moderna altamente cotidianizada e profundamente marcada pelas ações supra estruturais, a partir da materialidade da produção social e não simplesmente como espaço vivido.

Para Santos (1994), o lugar abarca uma permanente mudança, decorrente da própria lógica da sociedade e das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço geográfico. A compreensão do lugar no movimento das contradições exige entendê-lo pautado nos seus pares dialéticos: o interno e o externo; o novo e o velho; o local e o global. O interno abarca as variáveis que estão presentes no lugar, "*aquilo que aparece como local*", e o externo constitui-se o que está fora do lugar e se apresenta como uma escala de ação maior.

Esses pares dialéticos ficam mais evidentes na obra de Roberto DaMatta, *A Casa e a Rua*. Nessa obra o autor explora a formação social do Brasil, e de forma bem poética e altamente criteriosa, analisa como nos relacionamos como o espaço. É através da cotidianidade, da ação das sociedades através do tempo que o espaço vai sendo construído, vai sendo identificado, vai adquirindo características próprias, como o lugar. DaMatta faz a analogia entre o que é o espaço público, aquilo está "de fora", lugares das leis impessoais, do estrangeiro. A Rua é sinônimo de impessoalidade, de falta de relação pois ela é externa a nós e a nossa realidade. Já a Casa seria o inverso, quando estamos na Casa estamos seguros, dentro daquilo que é um lugar construído por nós e para nós. São leis pessoais, e relações próximas que criamos e construímos. Por isso os pares dialéticos propostos por Santos, pois o espaço não é estático, é um vai e vem de relações e construções individuais, são forças opostas que ao longo da história vão transformando e sendo

transformadas pelas forças materiais que as sociedades vão utilizando para se estabelecer, para se manter e construir o lugar.

### **3.5.1.2 O Lugar como Mundo-Vivido e Subjetividade.**

O lugar é experiência e percepção. A geografia desde a escola tradicional vem abordando a relação homem-meio, do ser humano com o espaço que ele habita. Seja para o entendimento ambientalista da perspectiva da geografia alemã - ou a questão regional como os franceses aprofundaram, a evolução de todas essas abordagens de gêneros e de espaços da vida, culmina na construção do lugar com aquelas características supracitadas. É com a geografia humanista e sua conceituação mais voltada a antropologia e a filosofia, que o lugar aparece como resultado dos fenômenos. O uso dessa fenomenologia como princípio norteador da interpretação espacial dos lugares é estabelecida pelo diálogo entre o homem e seu meio, através da percepção, do pensamento, dos símbolos e da ação (BUTTIMER, 1982).

E geografia é codificada com a fenomenologia, e explora horizontes mais próximos da esfera pessoal, individual, buscando no ser as individualidades, as identidades, e ver como essas refletem no lugar que existe e é criado.

“...Os fenomenologistas afirmam teoricamente que esses ambientes (environments) ("world") têm um papel dinâmico na experiência humana, mas, inclusive na prática, eles implicitamente submetem este dinamismo ao diálogo no qual aos agentes humanos atribuem significado." (BUTTIMER, 1976, p. 284).

A autora Anne Buttimer (1938- ) faz essa conexão da geografia com a fenomenologia, justamente por pensar o homem em seu meio, em seu lugar, e que esse ser vai estabelecendo relações com os outros seres do espaço, expandindo suas capacidades de interação. A primeira esfera de interação podemos considerar como nosso próprio corpo, pois dele advém nossas primeiras noções de espacialidade, nosso corpo é nossa primeira fronteira com o mundo, e é a partir dele que vamos construindo nossa identidade, formando nosso lugar. Uma segunda esfera dessa atuação são nossas relações diretas, nossas relações próximas. A medida que ganhamos confiança e clareza das ações corpóreas, nós começamos a “invadir” o lugar dos outros, absorvendo e rejeitando características, construindo no espaço uma rede permeada de símbolos que devidamente inseridos em seu

contexto fazem sentido para aqueles que dividem aquele lugar, aquele conhecimento.

É assim que declaramos a importância desse “fenômeno fenomenológico” de existência, pois é através da existência, das forças das relações que o lugar da existência é formado, com diagramação complexa e interligada. O mundo vivido é tratado por Buttimer (1982) como uma peça-chave na relação entre a Geografia e a fenomenologia. O lugar seria o mundo vivido, “*o elo entre os procedimentos geográficos e fenomenológicos*”. Cada pessoa tem seu lugar natural, o ponto zero do seu sistema pessoal de referência. “*Cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação*” (BUTTIMER, 1982, p. 178). Para que haja lugar não basta apenas morar, não basta apenas estar nele e acreditar que isso será o suficiente para com o tempo ser construído uma rede relacional. Essa relação entre a percepção da identidade, o objeto no qual nos relacionamos e como esse objeto aparece em nossa consciência (valores, bem-estar, significados) é o que se chama de princípio de intencionalidade ou a intencionalidade da consciência. Podemos ressaltar essa intencionalidade quando comparamos o que significa ter uma casa e ter um lar. Enquanto um é locacional, uma referência ao objeto concreto, a casa, o apartamento, o barraco, o lar é um conceito mais aprofundado do que significa morar na casa, é construir uma relação humana, com aqueles que ali estão conosco e dividem o espaço da casa, e uma relação espacial, saber que o seu lar é seu e não o do vizinho, é transcender a esfera do locacional, para o lugar. Assim também é necessário que o homem habite o espaço, que ele não veja sua relação de forma superficializada, mecânica, enevoadada. É preciso ter clareza dos sentidos que damos ao lugar para assim podemos compreender suas dimensões, pois sem isso não saberemos nos posicionar, não saberemos apreender essa complexidade e perderemos parte de nossa identidade.

Na sua interpretação de lugar, Holzer (1997) retoma a ideia do corpo para a partir dele buscar fenômenos mais complexos. Segundo o autor:

O momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações.  
(Holzer, 1997, p. 79)

O lugar é imerso na subjetividade, o lugar é estrutura de ação indissociável entre o “eu” e com o “outro”, o espaço ao lidar com essas ações do viver, do desenvolvimento da nossa história, permeado pelos elementos que foram construídos e pelos símbolos que surgiram a partir dessas relações de alteridade, da razão ao lugar. O corpo se encontra na faixa de transição entre o eu e o mundo, é a partir dele que podemos formar nossa concepção de seres do/no mundo e qual nosso ponto de vista desse mundo a partir de nossa existência. Podemos afirmar que nossa observação do mundo não é crua nem neutra. Esse é o papel que a intersubjetividade desempenha associando localidades, e casando com essas localidades, as heranças históricas, o olhar cultural, o ponto de vista religioso, as relações próximas de familiares e amigos, etc. todo esse contexto sociocultural somado ao meio que estamos são condições necessárias para a vida humana.

[...] a intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária. Pode também ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais (BUTTIMER, 1982, p. 182).

Esse modo intersubjetivo que permeia o viver, é o diálogo entre os seres e os objetos, e entre os seres e outros seres. Vivência permeada de valores, opiniões pessoais, bens, significados, experiências. O Mundo vivido foi um dos conceitos retirado da filosofia fenomenológica e importada para a Geografia Humanista, ao que este se refere ao mundo da vida, das experiências do cotidiano, fazendo com que os seres busquem nesse mundo a compreensão das coisas através da sua essência, e a ferramenta desse ser é a intencionalidade de consciência. A experiência necessita de tempo, mas ele não é o único elemento. A estabilidade, concebida como uma pausa no movimento, possibilita a convivência por um determinado tempo com o lugar. A identidade e a estabilidade seriam as características centrais dos lugares (HOLZER, 1997)

Para Buttimer (1982) tal identidade cultural é intimamente relacionada a identidade do lugar. As várias dimensões do ser, tais como social, política, cultural, religiosa, biológicas, vão permitir o indivíduo desenvolver redes de conexões baseado no lugar que ele está imerso. Mesmo que o lugar sofra com transformações e mudanças, para o indivíduo ou comunidade a sensação de que mesmo assim características antigas permanecem, a despeito das mudanças, reforça a identidade do lugar. A identidade do lugar tem relação com o espírito deste, cujo enraizamento e o

sentimento de familiaridade dependem das qualidades físicas e das mudanças que as gerações humanas lhe atribuem (HOLZER, 1997).

O lugar é um ponto de apoio no espaço para as ligações culturais, para os laços de afeição e identificação. É o conversar na calçada, o brincar na rua, o soltar pipa e rodar peão para alguns, e para outros é ter comida estrangeira em um bairro étnico cuja língua local não corresponde a língua nacional.

Há uma identidade fluida, que varia conforme as relações que se estabelecem entre os indivíduos, esse é o problema de pensar o lugar como possuidor de uma identidade, basta que lembremos da célebre frase proferida várias vezes por avós e avôs, pais e mães, “no meu tempo...”, não há frase mais marcante do que essa para a retomada de uma identidade que o lugar possuía, pois ela tenta retomar no espaço e no tempo, práticas que eram corriqueiras, banais e cotidianas, que nos dias de hoje deu lugar a uma outra corrente de fluxos e de relações. O lugar é fluidez pois as relações humanas são agora fluidas, isso não quer dizer, no entanto que nossos progenitores perderam qualquer tipo de identidade com o lugar e, portanto, não há espaço para eles, mas sim que a medida que o senso de identidade foi passando, cresceu neles um forte senso de se arraigar a identidade construída por eles, enquanto o lugar progride no tempo para ser suporte de outras relações de outros grupos de outras pessoas. Não podemos dizer que a nova configuração do lugar é a apropriada, mas sim elástica. O lugar faz caber as múltiplas identidades das ações humanas dando a todos, a oportunidade de se relacionarem em macro ou em microescala com as redes de relações que o afetam.

#### **4. O CENTRO ACADÊMICO COMO EXPERIÊNCIA DO LUAGR.**

Após a apresentação do histórico da Universidade e da evolução do conceito de lugar nageografia, podemos partir para a discussão principal de como o Centro Acadêmico da Geografia funciona, e qual a sua relação com os estudantes. Podemos esperar que haja clareza sobre o papel do Centro Acadêmico na Universidade e na vida estudantil dos que o frequentam. A medida que esse estudo se desenvolve, poderemos responder com clareza e compreender que papel o Centro Acadêmico desempenha na construção da concepção de lugar, de espaço vivido, -, de pertencimento.

##### **4.1 O Começo dos Centros Acadêmicos.**

No Brasil, um Centro Acadêmico é a entidade representativa dos estudantes de um curso de nível superior. Ele possui diversas atribuições sendo elas: a organização de atividades acadêmicas extracurriculares como debates e discussões que interessem aos estudantes, palestras, semanas temáticas, recepção aos calouros; encaminhamentos, organização e mobilização para reivindicações universitárias ou políticas, mediador entre os estudantes e a universidade; realização de atividades culturais e sociais, como feiras, festivais, comemorações, entre outros, conforma explica o Capítulo IV, art. 41. do Regimento Geral (2011, pg.50):

Competem aos Centros as atividades de caráter cultural, artístico, científico, tecnológico e de prestação de serviços à comunidade, com finalidades específicas ou multidisciplinares.

Os centros acadêmicos podem ser por associação, ou por organizações da sociedade civil de interesse público – OSCIP, essas organizações são geralmente

sociedades civis, sem fins lucrativos, de direito privado e de interesse público.<sup>8</sup> A relação que o C.A. estabelece com as instancias burocráticas da instituição pode se dar de forma direta, sendo parte da estrutura, sendo cadastrado junto ao Diretório Central dos Estudantes – DCE.

#### **4.2 Multiplicidade de Aspectos do Lugar.**

Utilizando do conceito de lugar já demonstrado anteriormente, pensar o Centro Acadêmico na perspectiva fenomenológica, fica mais palpável, pois tratamos ele como um lugar, que está suscetível a todas as relações que nós já explicitamos que são características próprias dele. Mas a fim de que a nossa análise de dados seja mais real, é necessário delinear que o lugar pode ter várias escalas, desde uma escala macro como a nação, o estado, a uma escala micro, a rua, o lar. O *“lugar é o fenômeno da experiência”* (Relph, 2012, p.19) e cabe a geografia lidar com essa geograficidade, que vai ao longo dessa experiência simbólica conferindo ao lugar esse “status” ao mesmo tempo que marca nesse lugar aspectos próprios, a *“geografia como estudo de lugar baseia (e ao mesmo tempo transcende) naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo”*. (Relph, 2012, p. 22). Essa relação com o lugar é o ponto de partida para a análise que Edward Relph (1915 - 2004) criou para categorizar essa escala dos aspectos do lugar, que é construída a partir da nossa relação com ele, o movimento em que esse espaço está sempre susceptível que cria e modifica as relações humanas e as relações simbólicas e materiais com os lugares. Considerando essa divisão feita pelo autor, é necessário ressaltar os principais aspectos do lugar que nos levam a pensar sobre o questionamento dessa pesquisa, de como nos experimentamos o centro acadêmico no campus universitário como um lugar. Os aspectos que mais se aproximam do nosso caso, e feitos por Relph são:

##### a) Lugar como reunião

A melhor forma de descrever esse aspecto seria um lugar que em seu contexto, seja um objeto, um evento ou uma experiência. Como indivíduos que fazem parte de uma comunidade nossa relação com o mundo é mediada por lugares que geralmente possuem nome, ou uma identidade específica – Universidade de

---

<sup>8</sup> Informações tiradas do Guia de Gestão para Centros Acadêmicos, pg. 11.

Brasília, Centro Acadêmico de História, Minhocão. Lugares que conjugam em si experiências e significados que traduzam um sentido de reunião único.

b) Sentido de Lugar

Essa compreensão está voltada para a característica que temos de apreciar e aprender as qualidades do lugar. Aguçar essa percepção para o sentido do lugar, como podemos aguçar nossa audição para dissonâncias ou nossa visão para os pequenos detalhes de um quadro, a geografia serve para melhor nossa percepção de lugar.

c) Raízes e Enraizamento

Esse aspecto do lugar é construído à medida que nós estabelecemos no espaço e deles vamos construindo nossa rede de relações. Esses aprofundamentos das nossas associações de pertencimentos, mas também de imobilidade. (Relph, 2012). Essas raízes, no entanto, não estariam restritas apenas a um lugar, ela atua simultaneamente conectando todos os lugares em que o indivíduo se estabelece.

d) Lugar-sem-lugaridade e não-lugar

Quando existem lugares cuja capacidade de promover a reunião, estabelecer a conexão entre os indivíduos e os objetos na escala simbólica, é fraca ou inexistente, temos lugares-sem-lugaridades, ou não-lugares. É uma forma de entender o lugar pela ausência, ao contrário que geralmente é feito pelos estudiosos e pelas pessoas que buscam no lugar a constante presença de sua atuação, de suas conexões.

Dentre o que Relph desenvolve em seu trabalho, esses quatro aspectos do lugar são o que podemos aplicar ao caso da pesquisa, onde investigamos fenomenologicamente as relações e a visão que construímos do Centro Acadêmico e como a partir dele experimentamos o lugar e a Universidade.

Relph (2012) não formula somente a partir dos aspectos do lugar, mas também sobre suas qualidades essenciais, *“é por meio do de lugares que indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo.”* Existe um fator de extrema importância que devemos colocar nessa experiência, que é o tempo, independentemente de como nós

nos relacionamos com o tempo, ele sempre nos escapa. Esse efeito também acontece no lugar, o tempo também passa para os lugares, mas essa passagem parece encontrar resistência.

O tempo passou desde a fundação da Universidade em 1962, ou quando o curso de Geografia foi instituído na Universidade em 1969, até a abertura e funcionamento do Centro Acadêmico da Geografia. Essa passagem do tempo é sentida pelos estudantes da geografia, que vão modificando as relações construídas no o lugar. Não nos é possível colocar limites para as experiências topológicas, a geograficidade do cotidiano conflui para o lugar e do lugar para o mundo. Relph (2012) nessa compreensão diz “*O Ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo*”. (p.29)

### **4.3 *Insideness e Outsideness***

Esse conceito é também uma contribuição de Relph para o estudo do lugar na geografia e de vital interesse na utilização dessa pesquisa pela forma tão rica e bem fundada que esses conceitos tomam forma na nossa experiência do lugar. Para explicar o que cada um desses conceitos significa, utilizarei a metáfora construída por Da Matta em seu livro *A Casa e a Rua* já referenciado nesse trabalho. Quando o indivíduo está em “casa” ele está protegido, está em um ambiente cercado pela familiaridade, é um abrigo, uma salvaguarda, do julgamento da violência do descaso. Nesse caso o indivíduo estaria *inside a place*, dentro do lugar. Agora se esse indivíduo se encontra na “rua” se o indivíduo se sente *outside a place*, fora do lugar, ele sente que está separado, abandonado, na “rua da amargura” já que na rua não existe proximidade, não existe pessoalidade nem proteção, *outside* como diria o ditado popular, é cada um por si e Deus por todos. “*O ponto fenomenológico crucial é que, através de diferentes graus de Insideness e Outsideness, diferentes lugares tomam diferentes identidades*”.<sup>9</sup> (Seamon 1996, p.2).

Relph vai discutir dialeticamente que essas forças de *inside* e *outside* possuem variedades e intensidades segundo as diferentes identidades dos diferentes lugares para as pessoas. Essas forças dialéticas são naturais da experiência humana de lugar e possuem qualidades, significados e sentimentos variados (Seamon, 1996).

---

<sup>9</sup> Tradução livre do autor, no original em inglês lê-se assim: “The crucial phenomenological point is that, through different degrees of insideness and outsideness, different places take different identities”.

Essas graduações, Relph dividiu em módulos, de acordo com o grau de *insideness* e *outsideness* que cada ser tem em relação com o lugar. Tal divisão segue abaixo:

I. *Existencial Outsideness*

Os exemplos seriam ter saudades do lar, ou de forma mais radical, não possuir lar. Essa situação seria de extrema separação entre o ser e o lugar, onde o indivíduo se sente alienado, oprimido ou deslocado.

II. *Objective Outsideness*

É uma situação que envolve uma deliberada atitude apática de separação do lugar. Ele passa a ser tratada por uma ótica objetiva através de uma aproximação científica do lugar e do ambiente, geralmente utilizada por gestores ou políticos que tomam as decisões e fazem o planejamento espacial.

III. *Incidental Outsideness*

O lugar é de passagem, ele está ali geralmente como um plano de fundo para as atividades desenvolvidas. Paisagens que passam pela janela do carro quando se transite de um lugar para o outro.

IV. *Existencial Insideness*

É a forma mais profunda de experiência do lugar. São os sentimentos gerados em que não necessariamente haja consciência deliberada delas, mas sempre permeadas de profundo significado. O sentimento de estar em casa, de fazer parte.

V. *Behavioral Insideness*

A situação onde o indivíduo se encontra em um “novo” lugar, e precisa compreender, agir a partir das suas dinâmicas, juntando as formas, as aparências, os objetos, as visões e as atividades. Compreender essas dinâmicas seria essencial para se tornar familiar com o lugar fazendo dele um só.

VI. *Empathetic Insideness*

“...importante aspecto da aproximação do lugar fenomenologicamente<sup>10</sup>”. (Seamon, 1996, p.4), ocorre de forma em que o indivíduo como alguém de fora, procura compreender e estar aberto ao lugar de forma pessoal e profunda.

#### VII. *Vicarious Insideness*

É a experiência íntima e profunda com o lugar, mas de forma mediada. A conexão com o lugar de através da imaginação, das artes, da música, dos filmes. O envolvimento com o lugar é dado pela memória, pela lembrança de um lugar que já experimentou pessoalmente, ou se sente conectado com ele de alguma forma e é lembrado disso através de um filme, ou uma imagem, ou música.

Todos esses modos nos ajudam quando voltamos nossos olhos para o Lugar, e como esses espaços do vivido, percebido e concebido são experimentados. Relph (1976) busca estudar como é possível ter experiências autênticas e não autênticas do lugar, pois os indivíduos criam identidades de forma deliberada ou “por acaso”, sem uma consciência de que estão fazendo dele um lugar sem lugaridade. Nas palavras dele a autenticidade é “*uma experiência direta e genuína, do inteiro complexo da identidade dos lugares—não mediada e não distorcida através de uma série de modismos sociais e intelectuais de como a experiência deve ser, nem seguindo convenções estereotipadas*”<sup>11</sup> (p. 64). E a causa da não lugaridade seria por “*aceitar acriticamente os valores de massa, ou técnicas—a preocupação maior com a eficiência que seria um fim em si mesmo*”<sup>12</sup> (Seamon, 1996, p.5).

Todas essas percepções fenomenológicas da geografia precisam ser pensadas e analisadas, pois nossas ligações espaciais estão ligadas no tempo e a fluidez desse tempo pode ser um contraponto as experiências e verdades que já foram atribuídas ao lugar, obrigando a nos perguntar, de como nos relacionamos com o lugar.

#### 4.4 Procedimento Metodológico

<sup>10</sup> Tradução Livre do Autor. No original inglês lê-se: “...is na important aspect of approaching a place phenomenologically”.

<sup>11</sup> Tradução Livre do Autor. No original inglês lê-se: “a direct and genuine experience of the entire complex of the identity of places—not mediated and distorted through a series of quite arbitrary social and intellectual fashions about how that experience should be, nor following stereotyped conventions” (p.64).

<sup>12</sup> Tradução Livre do Autor. No original inglês lê-se: “an uncritical acceptance of mass values, or *technique*—the overriding concern with efficiency as an end in itself” (p.5).

A análise qualitativa dos dados se caracterizou por um processo de indução da vida cotidiana, focando nos sujeitos, baseando-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa. Segundo André (1983) ela visa apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto.

Apesar de não possuir um passo a passo metodológico pré-estabelecido, pois o pesquisador não se considera como um sujeito isolado que se baseia apenas pela intuição. O contato com a realidade pesquisada é essencial na hora de proceder com a pesquisa, associando esse contato com a abordagem teórica que sustenta a própria pesquisa. Dessa forma o trabalho escapa a rigidez positivista e ainda mantém o rigor metodológico – regra primeira para a concretização de um projeto científico que possa vir a contribuir para um conhecimento na área (Gomes, 1990).

Os questionários elaborados pretenderam seguir essa abordagem fenomenológica, vinculando os pressupostos teóricos com os acontecimentos percebidos na realidade estudada, buscando na fala dos entrevistados os significados e os símbolos percebidos e construído pelos estudantes no centro acadêmico de Geografia, da Universidade de Brasília.

#### **4.5 Desenho da pesquisa de campo.**

Com intuito de saber a relação dos estudantes do curso de Geografia com seu Centro Acadêmico, foi elaborado um questionário qualitativo, dividido em três partes, a primeira parte referente aos dados pessoais dos participantes, a segunda parte com perguntas sobre os aspectos do lugar e a terceira parte indagando sobre *outsideness* e *insideness*. Em consideração a abordagem fenomenológica, as perguntas elaboradas têm cunho pessoal, indagando sobre a experiência de cada um, dando flexibilidade as respostas já que o objetivo não é quantificação, e sim uma análise qualitativa.

A primeira parte do questionário (Formulário de Informações Pessoais) contém seis questões de cunho objetivo a fim de coletar dados dos entrevistados quanto ao sexo, semestre de ingresso na UnB e se já se formou ou não, entre outras, pois esses fatores são grandes influenciadores nas percepções e nas opiniões desenvolvidas em relação ao Centro Acadêmico, as experiências acumuladas ao longo do tempo vão sendo acumuladas para formar tais conceitos geográficos.

A segunda parte do questionário é composto por cinco perguntas que buscam respostas quanto a geograficidade e os aspectos do lugar, utilizados no embasamento teórico da pesquisa já explanado nos capítulos anteriores. Traçando em uma parte mais específicas quais dos aspectos do lugar os estudantes de geografia são mais sensíveis e quais são os principais aspectos que movem os estudantes para dentro ou para fora do lugar.

A terceira parte do questionário conta com sete perguntas que buscam medir de forma objetiva e subjetiva os graus de *insideness* e *outsideness* que os estudantes experimentam, tomando os conceitos de Relph e Seamon para perceber esses níveis de integração com o lugar, se está mais “para dentro” ou “para fora” segundo as interações e percepções feitas pelos estudantes e de como eles resolveram lidar com tais características.

A pesquisa qualitativa se realizou entre os dias cinco e seis de novembro de 2015. Foi utilizada a plataforma de formulários do Google® e o questionário foi aplicado de forma online num grupo do Facebook® formado por estudantes do curso de Geografia. No total, foram obtidas trinta e uma respostas aleatórias de ambos os sexos, de alunos que ainda cursam e estão na universidade e alunos que já se formaram e frequentaram a universidade em sua época de graduação, mas que voltaram para mestrado ou outros motivos.

Dentro do tempo da pesquisa e da disponibilidade de participantes o número aceito de trinta e uma respostas é considerado satisfatório para que se consiga um número possível de se trabalhar no tempo da confecção dessa monografia, mas que ainda consiga trazer dados relevantes ao uso e compreensão da pesquisa. Não se descarta um necessário e possível aprofundamento quanto ao tratamento e captação dos dados em futuras pesquisas de mestrado e doutorado, caso haja a oportunidade.

Por se utilizar uma plataforma online, os estudantes se sentiram mais a vontade de responder e em pouco tempo já havia um número satisfatório de respostas contabilizadas, já que os estudantes estão acostumados por já ter participado ou criado alguma pesquisa na graduação.

#### **4.6 Questionários**

**Formulário de Informações Pessoais.**

Sexo: Masculino (  ) Feminino (  )

Ano de nascimento \_\_\_\_\_

Semestre e ano de ingresso na UnB: \_\_\_\_\_

Qual o seu curso? \_\_\_\_\_

Turno: Diurno (  ) Noturno (  )

Já é formado? Sim (  ) Não (  )

**Sobre os Aspectos do Lugar.**

Com que frequência semanalvocê vai ao centro acadêmico?

Nenhuma vez (  ) 1-2 (  ) 3-4 (  ) 5-6 (  ) Mais de 6 vezes (  )

Em uma escala, sendo 1 menos provável, e 10 mais provável, qual a probabilidade de você se reunir no seu centro acadêmico?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Você gosta de ir ao seu centro acadêmico?

Sim (  ) Não (  )

Você costuma frequentar outros Centros Acadêmicos que não o do seu curso?

Sim (  ) Não (  )

Qual a melhor atividade para ser feita dentro do centro acadêmico?

\_\_\_\_\_

**Sobre *Insiderness* e *Outsideness*.**

Você se sente parte do centro Acadêmico?

Sim (  ) Não (  ) Um Pouco (  )

O Centro acadêmico é feio? Bonito?

Feio ( ) Bonito ( )

Se sente confortável no CA?

( ) sim ( ) não

O que provoca o conforto ou o desconforto da pergunta anterior?

( ) As pessoas

( ) O espaço é feio-sujo

( ) O espaço é ameno

( ) Há muito barulho

( ) Dá para relaxar

( ) Outros

Você conhece o espaço interno do Centro Acadêmico?

Conheço ( ) Não Conheço ( ) Conheço um Pouco ( )

Você sente que as atividades desenvolvidas pelo Centro Acadêmico lhe afetam de alguma forma?

Afetam positivamente ( ) ( ) Não Afetam ( ) Afetam negativamente ( )

Você lembra da sua primeira memória no centro acadêmico? Se sim, qual?

Não ( ) Sim ( ) Qual? \_\_\_\_\_.

## **5. ANÁLISE E RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS.**

Para seguir com as análises dos questionários, seguimos a proposta de André (1983) e Gomes (1990). O trabalho foi dividido em três para que cada parte do questionário pudesse ser abordada de forma direta e mais compreensível. Os dados apresentados serão mostrados através de tabelas ou gráficos de porcentagem gerados pelas próprias ferramentas do Google Forms®, apesar dos dados serem mostrados de forma quantitativa, a análise se baseia primordialmente de forma qualitativa. As tabelas e gráficos serão colocadas à medida que a discussão é feita para que fique mais prático a aferição dos dados, ao invés de separá-las em anexos.

### **5.1 Informações Pessoais**

Nessa primeira etapa tratamos dos dados pessoais. Por ter sido aplicado de forma online, não foi possível buscar de uma forma ativa um equilíbrio entre a participação masculina e a feminina, o que foi constatado, no entanto, foi um equilíbrio quanto aos sexos que responderam o questionário. Com a participação de 48.4% de mulheres e 51.6% de homens, como mostra a imagem 2.

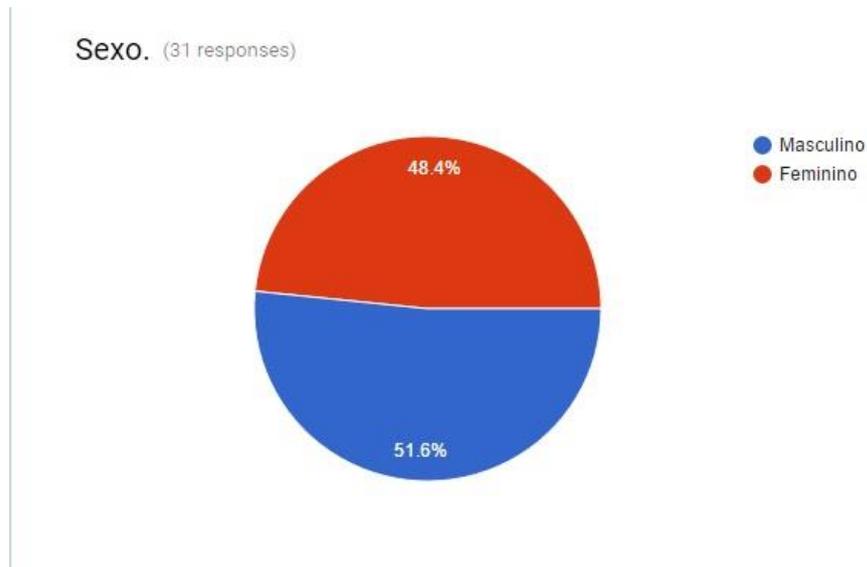


Figura 2: Questão 1.

É importante demonstrar a questão do gênero, pois diferentes gêneros possuem diferentes percepções do lugar, suas experiências possuem diferentes parâmetros por conta dos diferentes papéis ou expectativas que cada um dos gêneros cria sobre o lugar. Não somente o sexo, mas a idade dos participantes vai exercer uma diferença na capacidade de percepção do lugar e dos fenômenos que estão a sua volta. Muitos dos universitários ingressam na universidade recém-saídos da escola ou fizeram algum tempo de cursinho preparatório, essa mudança de ambiente escolar para o ambiente universitário tem impacto direto no modo em que eles percebem os lugares da universidade.

Tabela 4:Relação Idade e Sexo

<b>Ano de nascimento</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
<b>De 1997 á 1995</b>	5	7
<b>1994 e 1993</b>	5	2
<b>1992 e1991</b>	4	3
<b>Antes de 1990</b>	2	3

O que vemos é a grande parte das pessoas que responderam sendo jovens nascidos até 1993. Sendo assim é preciso lembrar que a medida que o estudo

avança, a grande presença de jovens, tanto do sexo masculino, com dez, quanto do sexo feminino, com nove, são eles a grande parte que percebe o lugar e tanto o gênero quanto a idade podem ser cruciais na hora de lidar com os dados mais complexos da pesquisa.

Na tabela 2, os dados foram organizados para mostrar a predominância do ano de ingresso dos estudantes que responderam à pesquisa. É importante saber quanto tempo o centro acadêmico faz parte de sua convivência espacial.

Tabela 2: Questão 3 - Ano de Ingresso na UnB

<b>Ano de Ingresso</b>	<b>Quantidade de pessoas</b>
<b>2015-2014</b>	9
<b>2013-2012</b>	8
<b>2011-2010</b>	11
<b>2009-2008</b>	3

O que podemos perceber é que já que a maioria são novos em idade, faz sentido que a maioria também seja de estudantes que ingressaram no período de 2012 a 2015, que quer dizer que são alunos que apresentam um moderado a um baixo conhecimento sensorial e perceptivo do centro acadêmico, simplesmente por não ter tido tempo suficiente para se integrar com a vida acadêmica em sua totalidade.

Se pensarmos nas oportunidades de se integrar com o centro acadêmico aumentam à medida que os estudantes cursam a graduação, o próximo gráfico vai mostrar a porcentagem desses alunos que já se formaram, ou seja, que já passaram no mínimo quatro anos nas instalações da universidade e do departamento, tendo amplo acesso ao centro acadêmico e suas diversas atividades.

Já é formado? (31 responses)

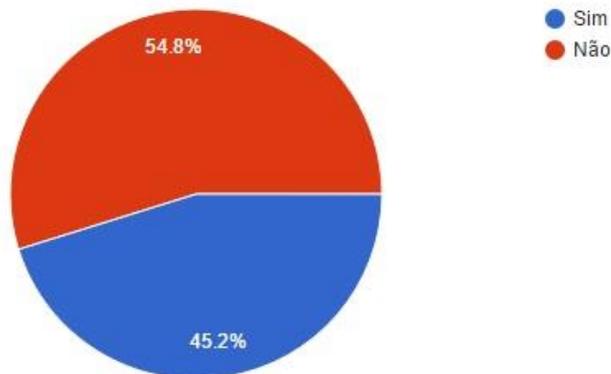


Figura 3: Questão 6: Já é formado?

Sua maioria composta de 54.8% alunos que continuam ainda seus cursos de graduação, ou seja, ainda convivem e estão diariamente na universidade experimentando o lugar, enquanto que 45.2%, são alunos que já se formaram, já passaram um mínimo de quatro anos na universidade e alguns deles voltam a frequentar por iniciar mestrado, por exemplo.

A continua presença na universidade é um agravante quando se pensa que é por meio da experiência sensível que se desenvolve uma opinião sobre o lugar, e quanto mais em contato com o centro acadêmico mais essa opinião vai se solidificando, ou se alterando a realidade e a percepção do indivíduo.

Todos que responderam cursam na parte diurna e presencial. Já que pode haver uma mudança na frequência ao centro acadêmico por parte daqueles que cursam a graduação no turno noturno, e não faria sentido pesquisar entre aqueles que fazem educação a distância, já que a percepção deles sobre o assunto não seria relevante para essa pesquisa.

## 5.2. Sobre os aspectos do Lugar

Nessa segunda etapa nos conferimos as perguntas referentes aos múltiplos aspectos do lugar, trabalhados no ponto **3.2**. Utilizando as informações dos gráficos e das tabelas para poder relacionar as variáveis que melhor descrevem a intenção dessa pesquisa de buscar a percepção dessas múltiplas feições. Ao cruzar esses

dados, se espera que a percepção seja exaltada, demonstrando o poder e a influência que a concepção do lugar tem.

O gráfico da figura 4 que mostra os dados obtidos na pergunta 1 da segunda parte do questionário que indagava a frequências dos indivíduos no centro acadêmico, buscando nas respostas sobre os aspectos da lugaridade e da não-lugaridade sentidas pelos estudantes em relação ao centro acadêmico.

Com que frequência semanal voce vai ao seu centro acadêmico? (31 responses)

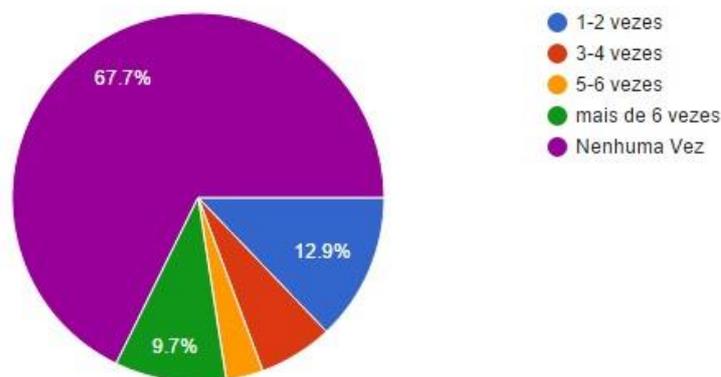


Figura 4: Questão 1:Com que frequência semanal você vai ao centro acadêmico?

É possível extrair que o centro acadêmico possui um alto grau de não-lugaridade. Para o total dos que responderam essa pesquisa 67.7%, não frequentam sequer uma vez o centro acadêmico, ou seja, para a maioria dos estudantes, o lugar possui um grau muito fraco de capacidade de juntar as pessoas, de estabelecer com elas as conexões necessárias. Em um outro oposto, temos 9.7% dos estudantes que frequentam o máximo de vezes o centro acadêmico, demonstrando que apesar de fraco, o CA tem capacidade de reunir os estudantes.

Tal proposição fica ainda mais evidente quando colocamos o gráfico da segunda pergunta, onde indagamos aos estudantes a probabilidade deles se reunirem no C.A. onde mais da metade deles responderam que a probabilidade era mínima. Ressaltando o primeiro aspecto do lugar citado no campo **3.2**, do lugar como reunião, demonstrando que o convívio dos estudantes no lugar não é frequente. Esse afastamento do lugar fica mais evidente na figura 5 a seguir.

Qual a probabilidade de você se reunir no seu centro acadêmico? (31 responses)

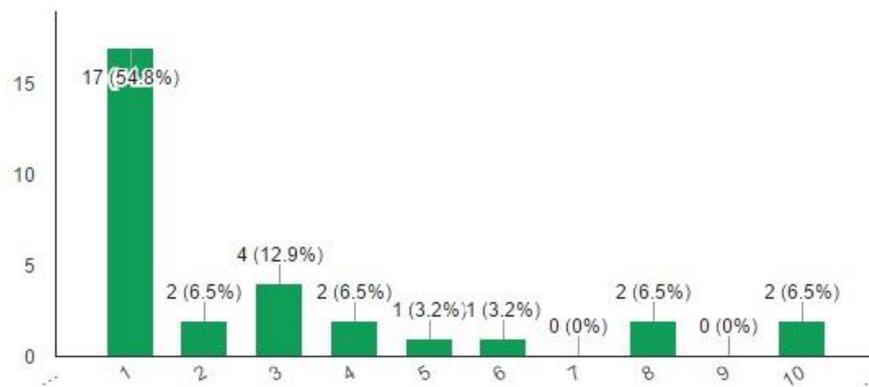


Figura 5, Questão 2: Qual a Probabilidade de você se reunir no seu centro acadêmico.

Para mais da metade dos entrevistados, a probabilidade de se reunir no centro acadêmico é mínima. Dentro desse contexto a experiência dos estudantes com o lugar não é constante.

Poucas foram as pessoas que afirmam ser provável sua presença no centro acadêmico o que para um lugar significa um baixo grau de conexões entre indivíduos e objetos.

A questão três, que pergunta se você gosta de frequentar o centro acadêmico, procura um princípio de conexão com o sentido do lugar. De como o gosto, ou a falta dele por frequentar o centro acadêmico interfere na hora de apreciar as qualidades do lugar.

Na figura 6, podemos perceber que o desejo de estar no centro acadêmico não faz parte da preferência da maioria dos estudantes de geografia. Não é possível comparar em que patamar ele fica em relação a outros lugares da universidade, como a Biblioteca Central, o Restaurante Universitário, o Centro Comunitário, e vários outros lugares que compõem a experiência acadêmica da universidade, já que não foi foco dessa pesquisa.

Esse desgosto por frequentar o centro acadêmico impossibilitaria o estudante em aguçar a sua percepção aos aspectos do lugar. O enraizamento com ele é superficial comprometendo toda as relações desenvolvidas pelos estudantes já que elas não são profundas no centro acadêmico.

Você gosta de ir ao seu centro acadêmico? (31 responses)

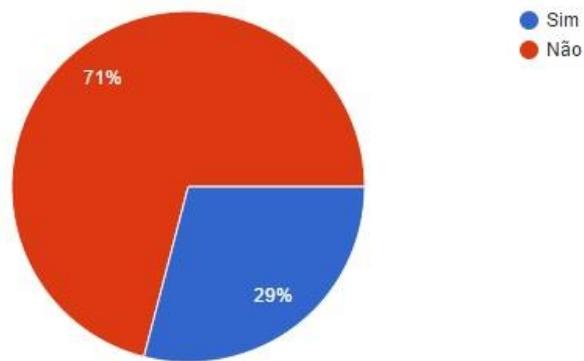


Figura 6 Questão 3: Você gosta de ir ao seu centro acadêmico?

Seguindo adiante com a quarta pergunta, o gráfico demonstra quantos dos estudantes de geografia frequentam outros centros acadêmico.

Você costuma frequentar outros centros acadêmicos que não o do seu curso?

(31 responses)

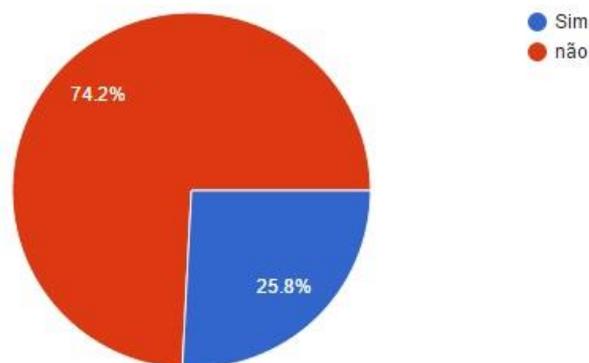


Figura 7 Questão 4: Você costuma frequentar outros Centros Acadêmicos que não o do seu curso?

O gráfico é bem parecido com o da pergunta anterior, já que as respostas têm porcentagens parecidas. Enquanto 74.2% responderam não frequentar outros CA's, 25.8% diz frequentar centros acadêmicos que não o da geografia.

Se compararmos esses dois gráficos, podemos pensar que os mesmos que gostam de frequentar o CAGEA, seriam os mesmo que frequentam outros centros acadêmicos da universidade. Se verdadeiro, poderíamos pensar que seja uma preferência pessoal do estudante que gosta frequentar centros acadêmicos não importa qual seja. A tabela 3 a seguir mostra a relação entre essas duas perguntas.

Tabela 3: Relação entre as respostas das questões 3 e 4.

	<b>Gostam de ir no CA da Geografia</b>	<b>Não gostam de ir no CA da Geografia</b>
<b>Frequentam outros CA's</b>	3	5
<b>Não frequentam outros CA's</b>	6	17

Na tabela, três alunos frequentam o CAGEA e outros CA's também, o que significa dizer que para esses estudantes o seu enraizamento com o lugar ultrapassa a barreira local, abrangendo o CAGEA e outros CA's também. Seis desses estudantes apenas gostam de frequentar o CAGEA, o que mostra que seu enraizamento com o lugar fica bem mais restrito.

Interessante notar é que existem cinco estudantes que apesar de frequentar outros CA's, não frequentam o CAGEA, mostrando que suas associações são construídas no centro acadêmico, mas fora do CAGEA. E a maioria novamente não tem profundidade em sua rede de associações com o lugar, pois não frequentam, nem no CAGEA, nem em outros CA's.

Agora se montássemos a mesma tabela 3, mas adicionando o fator de gênero, daqueles que responderam às perguntas, teríamos uma tabela que traria as seguintes informações:

Tabela 4. Relação entre as respostas das questões 3 e 4 com o fator de gênero.

	<b>Gostam de ir no CA</b>	<b>Não gostam de ir no CA</b>
--	---------------------------	-------------------------------

	da Geografia		da Geografia	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>Frequentam outros CA's</b>	1	2	2	3
<b>Não frequentam outros CA's</b>	6	0	7	10

De maneira abrangente a parte masculina dos estudantes tem frequência bem maior quando se trata de ir aos centros acadêmicos. Seis deles gostam de frequentar o CAGEA e não outros, e um estudante frequenta tanto o CAGEA como outros centros acadêmicos. O fenômeno da experiência do lugar para os homens é mais constante do que sua contraparte. Dois dos homens frequentam outros CA's que não o CAGEA e sete deles se distanciam do lugar.

A parcela feminina, no entanto, fica com números bem reduzidos na hora de gostar e frequentar o centro acadêmico. Apenas duas mulheres demonstram ter raízes cujo aprofundamento extrapolam a fronteira do CAGEA e se espalha por outros centros acadêmicos. Três delas, construíram suas redes de relações fora da geografia, frequentando outros centros acadêmicos e a maioria das estudantes se ausentam de frequentar qualquer tipo de Centro Acadêmico.

A quinta questão indagou aos estudantes que atividade seria a melhor para ser desenvolvida no CAGEA como mostra a tabela abaixo.

Tabela 5. Questão 5: Qual a melhor atividade para ser feita dentro do centro acadêmico?

<b>Atividade de Lazer</b>	<b>Atividades Acadêmicas</b>	<b>Atividades Políticas</b>	<b>Não sabem/ Não opinaram</b>
17	5	4	5

As respostas foram de cunho aberto, onde cada participante pode escrever livremente quais atividades são melhores para serem desenvolvidas no CA. As respostas foram reunidas em quatro categorias.

Para 54,8% dos estudantes, a melhor atividade que o CAGEA pode desenvolver são atividades lúdicas. “Dormir”, “Dominó”, “Descansar, ouvir música, jogar baralho”, foram as respostas mais comuns e por isso agrupadas em um grupo direcionado ao lazer.

Para 16,1% a melhor atividade a ser desenvolvida pelo CAGEA, são as de cunho acadêmico. Respostas como, “discussão de ideias”, “Discussões, debates, exposições e oficinas”, representam essa parcela dos estudantes, onde alguns ainda foram mais além respondendo, “Poderia ser um centro de debates e proliferação de ideias, mas é muito voltado pro entretenimento”.

Os 13% dos entrevistados, demonstraram que as atividades políticas devem ser as melhores formas de atividades desenvolvidas pelo CA. Houve uma resposta que mais representou esse sentimento, quando uma estudante se manifestou dizendo que, “Diálogos sobre assuntos referentes ao departamento; ao curso; aos rumos das pesquisas na área de Geografia; assuntos de cunho social e econômicos importantes, buscando uma integração entre esse assunto e a Geografia.

O último grupo, que compõe de 16,1% dos entrevistados, não souberam responder ou não opinaram nessa pergunta. Eles não foram capazes de indicar qual seria a melhor atividade a ser desenvolvida no CA.

A quinta questão aponta para o sentido que o lugar tem para os estudantes. O estudante de geografia não tem totais capacidades de desenvolver uma aguçada percepção do lugar. Não se consegue apreender totalmente as qualidades que o lugar possui, ficando diluído na percepção dos estudantes que atividades o centro acadêmico deveria desenvolver.

### **5.3. Sobre Insideness e Outsideness.**

Nesta terceira parte do questionário, descrevemos e analisamos os dados gerados que procuram ressaltar as percepções de *insideness* e *outsideness* explicados

anteriormente para basear essas análises. Os gráficos e tabelas mostram as respostas dos participantes ressaltando os pontos onde se percebe uma ligação da realidade prática com a proposta teórica.

A primeira pergunta questionava se os estudantes se sentiam parte do CAGEA, onde procurávamos saber sobre qual o grau de profundidade da experiência que os estudantes têm com o centro acadêmico, ou seja, o quão forte é a característica de *insiderness* que o lugar tem.

Você se sente parte do centro acadêmico? (31 responses)

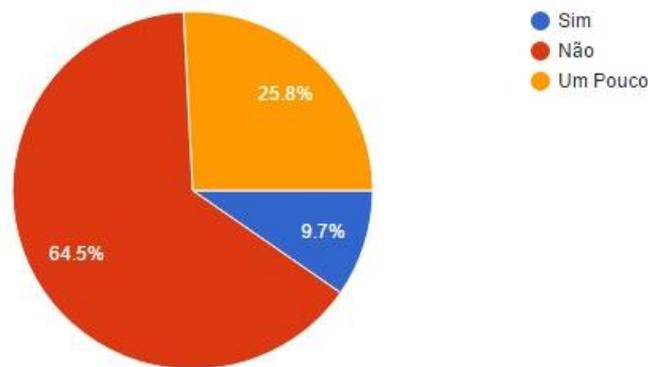


Figura 8 Questão 1: Você se sente parte do centro acadêmico?

Dos trinta e um estudantes que responderam 64.5% responderam não, eles não se sentem parte integrante do lugar, enquanto 25.8%, responderam que se sentem parcialmente inseridos no contexto do CA, e apenas 9.7%, afirmaram que se percebem como parte do CAGEA.

O sentimento de pertencimento, de estar em um lugar próprio, seu, é completamente modificado. A percepção do grau de *insiderness* não chega a 10%, mostrando que a maioria não se relaciona intimamente com o lugar, não se faz parte do lugar, do centro acadêmico.

Quando perguntarmos os prováveis motivos que justificariam uma porcentagem tão baixa de *existencial insiderness* as próximas figuras podem ajudar a compreender.

Para você o centro acadêmico é: (31 responses)

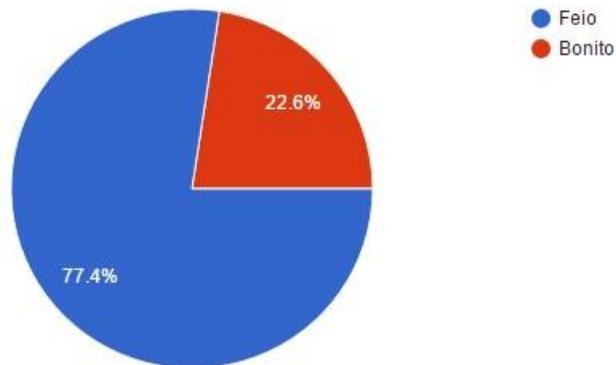


Figura 9 Questão 2: Para você o centro acadêmico é?

A maioria dos estudantes afirmaram acharem feio o centro acadêmico, e o restante expressou ser bonito o espaço do CA.

Provavelmente quando nos deparamos com um lugar, e temos uma experiência estética negativa, isso influencia a decisão de se sentir à vontade e confortável com o lugar, afinal, quem gostaria de fazer parte de um lugar que é “feio”.

Se temos uma maioria que já afirmou não se sentir parte integrante do CA, que explica essa falta de identificação por acreditar ser o lugar desagradável, feio, se ele não se percebe como um frequentador, o lugar passa a ser como um aspecto da paisagem na universidade, uma porta como qualquer outra, que o estudante não tem vontade de entrar, que apesar de conhecer o espaço interno, não sente vontade de retorno, nem de permanência. Revelando um grau de *incidental insideness* generalizada nos estudantes de geografia.

As respostas da questão três que pergunta se os estudantes se sentem confortáveis dentro do centro acadêmico foi agrupada na figura 10 e revela os seguintes dados:

Se sente confortável no centro acadêmico? (31 responses)

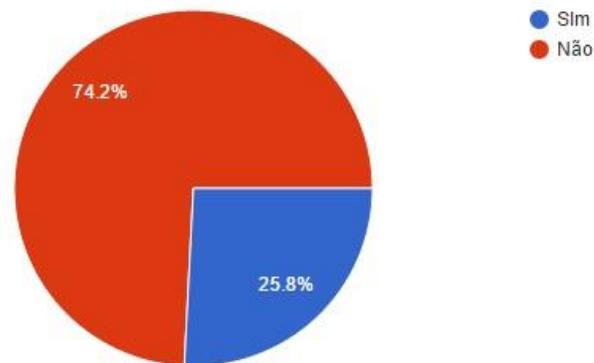


Figura 10 Questão 3: Se sente confortável no centro acadêmico?

Para 74.2% a sensação de bem-estar dentro do CAGEA não existe, e para 25,8% a sensação de bem-estar é sentida pelos estudantes.

Não se tem condições de simpatizar com o lugar. Novamente, não se aproximam dele por que o sentimento de não pertencer, de acreditar ser feio e desconfortável, bloqueiam a compreensão o lugar.

A tabela 6 organiza os grupos que se sentem confortáveis no CA, e qual dos sexos se sente mais à vontade nele.

Tabela 5 sobre a questão 3: Se sente confortável no centro acadêmico? Adicionado o fator do gênero.

	Masculino	Feminino
<b>Se sente confortável no CA</b>	6	2
<b>Não se sente confortável no CA</b>	10	13

O público masculino é a maioria a experimentar *existencial insideness* do lugar, enquanto a escassa população feminina continua não frequentando o CAGEA, aumentando assim seu *existencial outsideness*.

Você conhece o espaço interno do centro acadêmico? (31 responses)

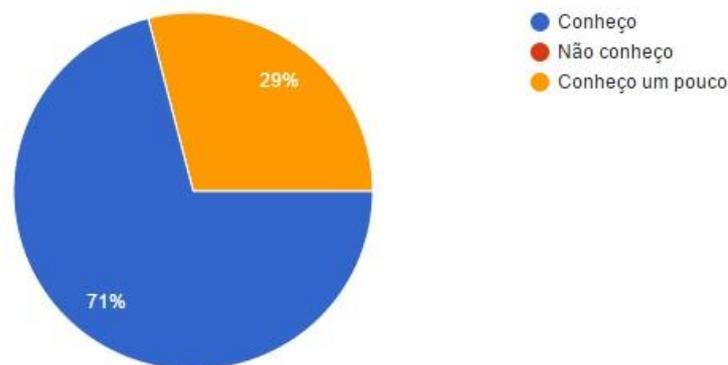


Figura 11 Questão 5: Você conhece o espaço interno do centro acadêmico?

Os alunos também responderam se eles conheciam o espaço interno do CAGEA. Das respostas obtidas, 71% deles afirmaram conhecer o espaço interno do CA e 29% conhecem em partes as características do CAGEA.

O grau de *incidental Outsideness* demonstrado pelos estudantes é elevado. Os estudantes em sua maioria conhecem, já viram, já estiveram no CA pelo menos uma vez para conhecer lembrar de suas características internas. Mas somando o fator estético com o grau de conhecimento do espaço interno, o CA se apresenta aos olhos dos estudantes de geografia novamente como mais uma paisagem da Universidade. O estudante transita pelos espaços da universidade, mas o CA não se destaca nem chama a atenção dele e o centro acadêmico passa a ser apenas um lugar de passagem.

Perguntou-se também se os alunos conseguiam identificar os motivos pelos quais eles se sentem desconfortáveis ou confortáveis no CA. - A tabela 7 separa entre aqueles que responderam que se sentem confortáveis e aqueles que não se sentem confortáveis e qual o motivo para justificar tal afirmação.

A tabela 7 mostra que a maioria esmagadora da parcela feminina que cursa geografia não se sente confortável no CAGEA e atribuiu a sensação de desconforto a dois fatores, a aparência estética do lugar, que não é agradável, e as pessoas que frequentam, já deixando bem delineado que sendo a maior parte dos frequentadores

do CA homens, as mulheres experimentam um maior grau de *existencial outsidersness* do que os homens.

Tabela 6 questão 4: O que provoca o conforto ou o desconforto? Adicionado o fator de gênero.

	Se sente confortável		Não se sente confortável	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>As Pessoas</b>	1	1	6	6
<b>O espaço é ameno</b>	-	-	-	-
<b>Dá para relaxar</b>	4	-	-	-
<b>O espaço é feio/sujo</b>	-	-	3	6
<b>Há muitos barulhos</b>	1	-	-	-

Dois estudantes escolheram a opção “outro”, uma estudante do sexo feminino escreveu que apesar de não se sentir confortável no CA não havia motivo, na opinião dela, que justificasse tal sentimento, simplesmente se sentia assim.

O segundo, dessa vez do sexo masculino que também não se sente confortável no CA, escreveu o seguinte: “O CA não deve ser necessariamente bonito. Particularmente já passei do tempo de frequentar CA. Só acho que deveria se apropriar mais das questões acadêmicas.” Interessante notar que na visão desse aluno, existe um “tempo” em que se frequenta o centro acadêmico, e que ele julgava já ter superado. E afirma também que o valor estético do lugar seria algo de segunda preocupação, a prioridade do lugar é ser funcional, é prestar um serviço, é se apropriar das questões acadêmicas, o que já foi explicitado na tabela 5, quando os estudantes responderam que a segunda melhor atividade a ser desenvolvida no CA, são as atividades acadêmicas.

O conjunto dessas informações deve nos fazer pensar também que deve haver, pelo menos em princípio uma percepção muito forte de *objective outsidersness*, pois os dados têm em sua maioria os estudantes da graduação dizendo que “não frequentam” ou “não gostam” do lugar e por isso raramente vão lá.

O CAGEA, pelo que demonstra a maioria, um lugar que pertence a universidade e não aos estudantes, que é administrado por uma chapa e aproveitado por ela mesma, onde as atividades desenvolvidas não correspondem com as expectativas. A experiência estética é desagradável, e que quase não há conforto, não há motivos que influenciem os estudantes a entrarem no CA, não há relações, não há experiências sensíveis, corpóreas, intelectuais para que haja uma sensação de pertencimento.

Os motivos que reúnem as pessoas no centro acadêmico da geografia, são superficiais, jogos de dominó e conversa alta, e por mais que essas atividades evoquem sensações e “bem-estar” nos poucos frequentadores. Parece faltar consistência nessas ações, onde os alunos experimentam apenas superficialmente o lugar, diminuindo as características de *insideness* e aumentando o sentimento de *outsideness*.

A sexta pergunta do questionário, envolve aspectos de *vicarious insideness*, pois busca saber se as atividades desenvolvidas no CA os afetam tais como os encontros musicais, campeonatos, a Copa CAGEA que ocorre todo ano, as assembleias,

Você sente que as atividades desenvolvidas pelo centro acadêmico lhe afetam de alguma forma?

(30 responses)

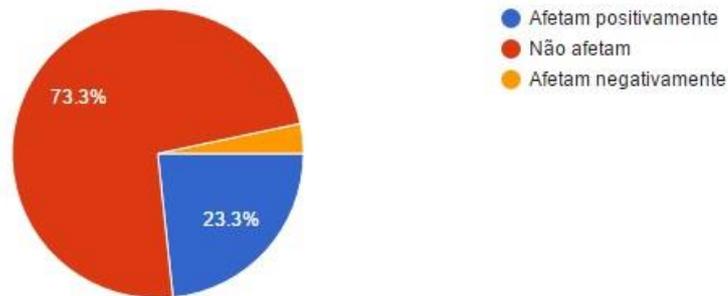


Figura 12 Questão 6: Você sente que as atividades desenvolvidas pelo Centro Acadêmico lhe afetam de alguma forma?

Não surpreende saber que 73.3% respondeu que as atividades desenvolvidas no CAGEA não os afeta de forma direta ou indireta. Como as ações de um lugar podem afetar o indivíduo se ele não se sente parte integrante do lugar? Se ele não se percebe como um ser integrante dessas relações?

Dos entrevistados 23.3% reconhecem que as ações do centro acadêmico afetam sua vida, direta ou indiretamente, e essa influência é positiva. Apenas uma pessoa respondeu que as ações o afetam negativamente.

A percepção do lugar acontece através dos eventos, dos encontros e da opinião que os estudantes têm das atividades desenvolvidas pelo centro acadêmico. O estudante não experimenta o *vicarious insideness*. Em apenas poucos estudantes, que se dizem afetados pelas ações do CA, é que nós vamos ter a partir da memória positiva que ele possui do lugar, um envolvimento de *insideness*.

A última pergunta do questionário foi feita de forma aberta para que cada estudante tivesse liberdade de escrever sua primeira impressão, sua primeira experiência com o centro acadêmico. O ponto buscado era de identificar pontos de *behavioral insideness*. O problema aqui é que não há um acompanhamento por parte da pesquisa quanto a experiência, pois essa característica de comportamento vai se revelando a medida do tempo, que o estudante após uma primeira impressão,

desenvolve com o tempo essa percepção mais aguçada. O tempo disponível e recursos da pesquisa não permitiam tal acompanhamento, mas as respostas representam um primeiro passo nessa direção, de conseguir demonstrar uma ligação entre essa primeira experiência do lugar, quando ele ainda é novo e desconhecido, e como a partir dessa informação vai se construindo um conceito do lugar, conceito formado pelas experiências e testemunhos das atividades do lugar que podem ser tanto positivas quanto negativas que traduz em geograficidade, em importância espacial para os sujeitos.

As primeiras lembranças mais citadas pelos entrevistados, o 22.5% foram do trote ou algum momento dele. Faz sentido pois a própria universidade é um espaço novo para os calouros e não é comum que elas já conheçam o CA de seu curso. O trote é uma experiência primeira dos estudantes com o curso e com os lugares que o curso ocupa. Dentro dessas respostas, alguns relatos chamam atenção pelo detalhe que se passaram. Por exemplo um estudante diz que “Ao entrar lá, cedinho pela manhã, o Paulo Caô<sup>13</sup> estava dormindo no sofá” o que permite fazer a reflexão de que a experiência do centro acadêmico é dificultada quando se tem um morador de rua dormindo nele.

O segundo maior agrupamento de respostas foi referente à época em que o CAGEA era num espaço no subsolo que continha os centros acadêmicos da História, da Filosofia e da Geografia, Hoje ele funciona em uma sala no térreo do Instituto Central de Ciências, Para esses estudantes o CA3 é lembrado das seguintes maneiras, “Do calor quando era CA3 no subsolo”, “Caverna (ainda era no subsolo). Sujo, feio, fedido, amedrontador, panelinha...” e um que descreve como era o espaço, “Quando ele era no subsolo (CA3) e fui visitá-lo a primeira vez com meus colegas calouros. Muita gente fumando, sujeira, fotos e dizeres nas paredes e sofás velhos espalhados pelo CAGEA. ” Na fala desses estudantes, percebe-se que o CA3 tinha pouca capacidade de fixar e fazer convergir os alunos em torno de um mesmo propósito. A pesquisa realizada nos permite afirmar que o atual do CA não conseguiu superar esses problemas herdados.

---

<sup>13</sup>Segundo alguns alunos, Paulo Caô é um indivíduo que transita pela universidade e dorme nos centros acadêmicos e causa transtornos aos alunos. No CAGEA há relatos que ele dormia e assediava os alunos.

Agora não seria justo se faltasse a opinião de alguns estudantes, que apesar de ser uma minoria, lança suas opiniões que nós podemos dizer ser um fio condutor para reverter a situação atual que se encontra o CA. Alguns dos alunos responderam à pergunta de.. que, “A votação contra o fumo dentro do centro acadêmico. ”, “Assistir os jogos da copa no CA3. “Essas respostas apontam para um começo de *behavioral insiderness* positivo. Se fosse possível acompanhar o estudante desde essa primeira impressão até o momento que ele toma uma decisão consciente do lugar, poderíamos ter respostas mais complexas e verdadeiras de por que há esse sentimento de *outsiderness* tão generalizado.

Os desafios enfrentados pelo CA são diversos. Os lugares na Universidade de Brasília precisam receber uma atenção para que a experiência sensível dos estudantes não seja comprometida, prejudicando na formação e no senso de identidade que esses alunos possuem com o lugar. É, como uma das respostas mais completas do questionário coloca, “Quando cheguei no curso era bastante sujo, desorganizado e com veteranos arrogantes. Hoje, quase me formando, vejo que o C.A. mudou, está organizado, limpo e as pessoas mais receptivas. ”Que pode significar que mesmo havendo um alto grau de *outsiderness* e que o lugar não tenha os aspectos mais desejados, essa mudança pode ser feita e o lugar pode deixar de ser algo distante, para ser algo próximo e próprio dos Estudantes de Geografia da Universidade de Brasília.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao analisar os dados da pesquisa podemos perceber que dos objetivos propostos, o objetivo geral de compreender a experiência do lugar na UnB através dos Centros Acadêmicos foi alcançado. As perguntas feitas aos estudantes baseadas nos pressupostos fenomenológicos traduziram-se em dados concisos sobre a experiência do C.A. Dos múltiplos aspectos do lugar o que se percebeu foi uma grande perspectiva de não lugaridade. O Centro Acadêmico da Geografia se apresenta para os estudantes como um não lugar, pois falta nele capacidade de reunir as pessoas. Em sua atual conjuntura é mais compreendido pela ausência da sua *“capacidade de promover a reunião, estabelecer a conexão entre os indivíduos e os objetos na escala simbólica(...)”*. O Centro Acadêmico tem inegável potencial, mas atualmente suas atribuições e contribuições ficam aquém das perspectivas dos estudantes de geografia, tanto veteranos, quanto calouros.

Não há, porém, condições de afirmar que 100% da experiência do CA esteja comprometida, mesmo que a não lugaridade seja o aspecto mais forte nessas relações. Podemos ver que o CA tem capacidade que atrair as pessoas, mesmo que em pequenos números. Os gráficos e tabelas apontam para uma minoria dentro do centro acadêmico, que aproveitam os seus benefícios.

Como não consegue atrair e consolidar a permanência dos alunos, o CA não se estabelece como espaço que promove o desenvolvimento do sentimento de lugar, do insideness. Ele não consegue passar uma percepção positiva do espaço total, comprometendo assim as ações geográficas dos indivíduos

É preciso ressaltar que a experiência acadêmica é complexa. possui muitas variáveis, pois lida com os seres humanos e seus complexos sentimentos de lugar. É papel da geografia servir como uma lente entre esse ser e o espaço para que haja foco na visão das pessoas em relação aos lugares da universidade, sem que sua visão fique turva ou embaçada. Para que os estudantes consigam ver com nitidez que existem lugares na universidade, cada um com seu conjunto de características próprias e saber se apropriar delas, é necessário saber utilizar esses espaços para os melhores fins, garantindo uma experiência muito mais rica da vida acadêmica.

Naverificação de se os centros acadêmicos são vivenciados como lugar, foi possível demonstrar que as experiências dos estudantes quanto ao centro

acadêmico apresentam uma forte sensação de *existencial outsidersness*. Os estudantes simplesmente não se sentem conectados com o lugar, os obstáculos são diversos para que haja uma conexão mais forte entre o lugar e as pessoas.

A desagradável experiência do centro acadêmico é ainda maior para os estudantes, que ao não se sentirem bem-vindos no lugar, ou se depararem com essas barreiras perceptivas, preferem se abster de frequentar ele. Não somente *existencial outsidersness*, mas também *incidental outsidersness*, fazem parte da experiência já que para aqueles que se sentem externos ao CA, o lugar passa a integrar a paisagem da universidade que não faz parte do seu dia a dia. A potencialidade do CA fica desgastada pois ele passa a ter as mesmas características impessoais dos corredores por exemplo, onde apenas se transita, e não há uma necessária troca de experiências, como no lugar é imperativo que haja.

Existem ainda muitas possibilidades de expandir esse estudo, por exemplo, focar nas discrepâncias das experiências entre o gênero masculino e feminino. Como cada um possuem percepções e expectativas diferentes e o impacto que tem isso sobre o lugar.

Não somente o Centro Acadêmico da Geografia está susceptível a esse grau de *outsideness*, assim como a pesquisa mostrou, mas o risco pode se expandir para os outros lugares da Universidade. Sendo o lugar, o fenômeno da experiência, é importante aguçar nossa visão quanto a experiência dos outros lugares da Universidade. O que pode nos abrir um escopo bem mais completo de como os estudantes experimentam a Universidade, e como essa experiência pode ser melhorada.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALENCAR, Heron de. A Universidade de Brasília. Projeto Nacional da Intelectualidade Brasileira. (1964). In Ribeiro, Darcy. **A Universidade Necessária**. (pp. 271-296). 5ª edição. Editora Paz e Terra, 1991.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos**. Cadernos de Pesquisa, (45): 66-71, 1983.
- BENJAMÍN, Harold R.W. *La Educación Superior en las Repúblicas Americanas*. 1964, Madri.
- BOMENY, Helena. **O Brasil de JK > A Universidade de Brasília**. [online]. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/UNB>>. Acessado em: 27 ago. 2015.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292p.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC/SEFM, 1999.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. 1963, Rio de Janeiro.
- BUTTNER, Anne. **Grasping the dynamism of lifeworld**. Annals of the Association of American Geographers, 66 (2), 1976.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CABRAL, Maria de Fátima Studart Lustrosa. **A Constituição de 1988 e os Direitos do Cidadão no Ceará**. 2005. 108 f. Tese (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- CAMARGO, José Carlos Godoy; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. A filosofia (neo)positivista e a Geografia Quantitativa. In: VITTE, Antonio Carlos (org.) **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAPEL, Horacio. **Filosofia e ciência na geografia contemporânea: uma introdução à geografia**. Maringá: Massoni, 2004.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. - **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e indústria**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 1989.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do lugar**. São Paulo, HUCTEC, 1996.
- CLAVAL, Paul. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (Série Geografia Cultural).
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 7 edição. São Paulo. Editora Ática. 2000.
- CASTRO, Iná Elias. **Geografia e Política – Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DAMIANI, Amélia Luisa. (1999). O Lugar e a Produção do Cotidiano. In Carlos, Ana Fani (Ed.), **Novos Caminhos da Geografia** (pp 161-171). São Paulo: Editora Contexto.
- GOMES, William. **Considerações sobre a submissão de projetos que utilizam métodos qualitativos de pesquisa para agências financeiras**. Anais do 3º Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico, ANPEPP. Águas de São Pedro, São Paulo, 239-243, 1990.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- HARVEY, David. **Explanation in Geography**. London, Edward Arnold and New York, St Martin's Press, 1969.

- HISTÓRIA DA UNB. **1962 –O Começo**. [online]. Disponível em: <<https://historiadaunb.wordpress.com/1962-o-comeco/>>. Acessado em: 27 ago. 2015
- HISTÓRIA DA UNB. **UnB na Ditadura Militar**. [online]. Disponível em: <<https://historiadaunb.wordpress.com/unb-na-ditadura-militar/>>. Acessado em: 27 ago. 2015.
- HISTÓRIA DA UNB. **Darcy e o Projeto da UnB**. [online]. Disponível em: <<https://historiadaunb.wordpress.com/darcy-e-o-projeto-da-unb/>>. Acessado em: 27 ago. 2015.
- HISTÓRIA DA UNB. **Principais Personagens**. [online]. Disponível em: <<https://historiadaunb.wordpress.com/darcy-e-o-projeto-da-unb/>>. Acessado em: 27 ago. 2015.
- HISTÓRIA DA UNB. **História da UnB**. [online]. Disponível em: <<https://historiadaunb.wordpress.com/about/>>. Acessado em: 27 ago. 2015.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, n. 3, 1997.
- JORGE, Thaís de Mendonça (Org.). **UnB 50 anos: história contada**. A história da Universidade de Brasília contada por seus personagens: reportagens, depoimentos, entrevistas. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política**. Barcelona: Península, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006
- LELIS, Gabriel. **A UnB e os militares: breve estudo sobre as relações entre a Universidade de Brasília e o regime autoritário brasileiro entre 1964 e 1965**. Brasília - DF: Revista Noctua do Departamento de História - UnB, 2011 (Artigo).
- LONGO, Clerismar Aparecido. **Gestão Cristóvam Buarque: a redemocratização na Universidade de Brasília (1985-1989)**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- MORAES, Antônio C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2005

- MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia (A Geograficidade e o diálogo das Ontologias), in: **GEODgraphia**, Vol. 6, No 11, 2004
- NARA, Menezes. **A Redemocratização na UnB**, 2014. [online]. Disponível em: <<http://campus.fac.unb.br/arquivo/campus12014/especiais/item/3295-a-redemocratiza%C3%A7%C3%A3o-na-unb>> Acessado em: 27 ago. 2015.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O que é Reuni**. 2010. Disponível em: <<http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acessado em: 30 de ago. 2015.
- RELPH, Edward. **As bases Fenomenológicas da Geografia**. *Revista de Geografia*, vol.4/nº7, AGETEO - Rio Claro, São Paulo, 1979.
- RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.
- RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- RIBEIRO, Darcy. **Universidade para quê?** Editora Universidade de Brasília, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. **A Universidade Necessária**. 5 edição. Editora Paz e Terra, 1991.
- RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia: introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica de geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994, 190 p.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método**. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo: AGB, 1977.
- SAUER, Carl Ortwin. Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. **Da Universidade necessária à universidade emancipatória**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.
- SEAMON, David. **A Singular Impact: Edward Relph's Place and Placelessness**. Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter, v. 7, n.3, p.5-8, 1996.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço Geográfico Uno e Múltiplo**. Scripta Nova. Barcelona, v.93, 2001.

TUAN, YI-FU. **Space and Place: Humanistic Perspective**. *Progress in Geography*. VI, nº 6, 1975.

TUAN, YI-FU. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

TV ESCOLA. **A Construção da Nação**. [online]. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/o-brasil-de-darcy-ribeiro/episodio/a-construcao-da-nacao>>. Acessado em: 27 ago. 2015.

MACHADO, Edson. ALMEIDA, Paulo. **UNB adota ENEM: Veja dicas para entrar na universidade**. 2013. [online]. Disponível em: <<http://edsonmachado.net/2013/09/11/unb-adota-o-enem-veja-dicas-para-entrar-na-universidade/>>. Acessado em: 30 de ago. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano Orientador da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 1962**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Estrutura**. 2012. [online]. Disponível em: <[http://www.unb.br/sobre/principais\\_capitulos/estrutura](http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/estrutura)>. Acessado em: 27 ago. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Invasões**. [online]. Disponível em: <[http://www.unb.br/sobre/principais\\_capitulos/invasoes](http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/invasoes)>. Acessado em: 27 ago. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Redemocratização**. [online]. Disponível em: <[http://www.unb.br/sobre/principais\\_capitulos/redemocratizacao](http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/redemocratizacao)>. Acessado em: 27 ago. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **UnB está entre as dez melhores da América Latina, aponta ranking**. 2015. [online]. Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=9481>>. Acessado em: 30 de ago. 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Entenda a evolução das cotas na UnB**. 2014. [online]. Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=8620>>. Acessado em: 30 de ago. 2015.

VARELA, Sebastião. **Passados que Não se Apagam: Histórias da UnB**. Editora UnB, 1989.